

MANUAL
DO
Superintendente
DA ESCOLA DOMINICAL



Digitalizado por:

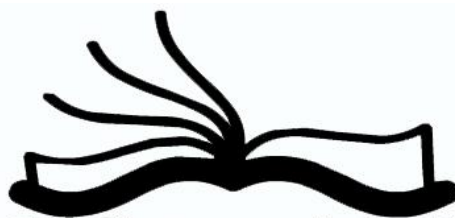
José do Reis

Lançamento:

E-books Digital

Versão digital e doc.:

Levita Digital



Biblioteca Cristã

WWW.BIBLIOTECACRISTA.COM.BR

“Porque ninguém pode ser dono absoluto do conhecimento”

MANUAL

DO

Superintendente

DA ESCOLA DOMINICAL

Claudionor Corrêa de Andrade



Todos os direitos reservados. Copyright © 2000 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa e projeto gráfico: Flamir Ambrósio
Diagramação: Oséas Maciel e Olga Santos

268 CLAm	Instrução e treinamento religioso Andrade, Claudionor Corrêa de Manual do Superintendente da Escola Dominical.../Claudionor Corrêa de Andrade 1ª ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000 p.208 cm. 11x18. ISBN 85-263-0291-4 1. Instruções para superintendentes de Escola Dominical CDD 268 - Instrução e treinamento religioso
-----------------	--

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro. RJ, Brasil

3ª Edição 2003

Índice

Dedicatória.....	9
Prefácio	10
A Importância da Escola Dominical	13
I. O QUE É A ESCOLA DOMINICAL	13
II. OS OBJETIVOS DA ESCOLA DOMINICAL.....	14
III. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NOS TEMPOS BÍBLICOS	16
IV. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NO PERÍODO POSTERIOR AO NOVO TESTAMENTO.....	19
V. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL	20
VI. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL NO BRASIL.....	21
CONCLUSÃO.....	22
O que É o Superintendente da Escola Dominical.....	23
I. O QUE É O SUPERINTENDENTE	23
II. O SUPERINTENDENTE NO ANTIGO TESTAMENTO	24
III. O SUPERINTENDENTE NO NOVO TESTAMENTO.....	24
IV. DIRETOR OU SUPERINTENDENTE.....	25
CONCLUSÃO.....	25
Qualificações do Superintendente	27
I. AUTÊNTICA CONVERSÃO A CRISTO.....	28
II. BOM TESTEMUNHO	29
III. AMOR À PALAVRA DE DEUS	30
IV. VIDA DEVOCIONAL.....	30
V. CORRETA CONCEPÇÃO DO REINO DE DEUS	33
VI. DEDICAÇÃO AO ESTUDO	33
CONCLUSÃO.....	35

Os Deveres do Superintendente	37
I. PONTUALIDADE	37
II. CONHECER A REALIDADE DA ESCOLA DOMINICAL	38
III. ZELAR PELO BOM ANDAMENTO DOS TRABALHOS	40
IV. MANTER A DISCIPLINA.....	40
V. PROPORCIONAR UM CLIMA DE FRATERNIDADE CRISTÃ	43
VI. PROVIDENCIAR OS RECURSOS PARA O BOM ANDAMENTO DOS TRABALHOS.....	44
VII. PROMOVER A ESCOLA DOMINICAL	44
VIII. DESENVOLVER A ESPIRITUALIDADE DOS ALUNOS E PROFESSORES	46
CONCLUSÃO.....	47
Responsabilidades Eclesiásticas do Superintendente	49
I. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO SEU PASTOR.....	49
II. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO MINISTÉRIO	50
III. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO À HISTÓRIA E À DOCTRINA DE SUA IGREJA.....	50
CONCLUSÃO.....	57
I. O QUE É UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ.....	59
II. OS REQUISITOS BÁSICOS DE UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ	60
III. O QUE FAZ UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ	61
IV. O SUPERINTENDENTE COMO ASSESSOR EM EDUCAÇÃO CRISTÃ DE SUA IGREJA.....	62
V. JESUS COMO O TÉCNICO DE ENSINO POR EXCELÊNCIA.....	62
CONCLUSÃO.....	63
O Superintendente como Administrador da Escola Dominical.....	65
I. O QUE É A ADMINISTRAÇÃO	65
II. DIFERENÇA ENTRE ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	66

III. AS FUNÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO.....	67
IV. O QUE É O PLANEJAMENTO	68
CONCLUSÃO.....	69
O Superintendente como Guia Espiritual	71
I. O QUE É UM GUIA ESPIRITUAL.....	71
II. OS DEVERES DO SUPERINTENDENTE COMO GUIA ESPIRITUAL	72
III. O SUPERINTENDENTE COMO AUXILIAR DO PASTOR.....	73
CONCLUSÃO.....	74
O Superintendente como Filantropo.....	75
I. O QUE É A FILANTROPIA CRISTÃ.....	75
II. AS BASES BÍBLICAS DA FILANTROPIA.....	76
III. O SUPERINTENDENTE COMO PROMOTOR DA FILANTROPIA CRISTÃ	78
IV. COMO PODE O SUPERINTENDENTE DESENVOLVER O SENSO DE FILANTROPIA	79
V. COMO DESENVOLVER A FILANTROPIA CRISTÃ	79
CONCLUSÃO.....	80
O Superintendente e o Seu Relacionamento com os Professores.....	82
I. O QUE É O PROFESSOR	82
II. OS PROFESSORES COMO INTERMEDIÁRIOS E INTÉRPRETES DE NOSSOS CURRÍCULOS	84
III. OS REQUISITOS BÁSICOS DO PROFESSOR	84
IV. OS PRINCIPAIS DEVERES DO PROFESSOR	87
V. O QUE PODERÁ FAZER O SUPERINTENDENTE EM PROL DOS PROFESSORES	88
CONCLUSÃO.....	90
O Superintendente e o Seu Relacionamento com os Alunos	91
I. O QUE É O ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL	91
II. REQUISITOS PARA SE TORNAR ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL	92

III. DEVERES DO ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL.....	93
IV. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AOS ALUNOS	94
CONCLUSÃO.....	95
O Superintendente e o Seu Relacionamento com o Pastor.....	97
I. PASTOR - O REAL SUPERINTENDENTE DA ESCOLA DOMINICAL	97
III. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO SEU PASTOR.....	99
CONCLUSÃO.....	100
O que o Superintendente Poderá Fazer para Melhorar a Escola Dominical	102
I. EXPLORANDO AS POTENCIALIDADES DA ESCOLA DOMINICAL	102
II. A ESCOLA DOMINICAL E O EVANGELISMO	103
III. A ESCOLA DOMINICAL E AS MISSÕES	103
IV. A ESCOLA DOMINICAL COMO AGENTE SOCIAL	104
V. A ESCOLA DOMINICAL E AS BATALHAS BÍBLICAS.....	104
VI. A ESCOLA DOMINICAL E AS DATAS ESPECIAIS	105
CONCLUSÃO.....	105
A Terceira Onda de Renovação da Escola Dominical.....	107
I. O QUE É A TERCEIRA ONDA DA ESCOLA DOMINICAL	107
II. PRIMEIRA ONDA - REVOLUÇÃO ÉTNICA	108
III. SEGUNDA ONDA - REVOLUÇÃO METODOLÓGICA	109
IV. TERCEIRA ONDA - REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA.....	110
CONCLUSÃO.....	111

Dedicatória

A professora e missionária Marli Doreto Alberttoni, que desde a adolescência vem se dedicando à Educação Cristã. Deu-nos ela um grande exemplo de superintendência, abraçando, hoje, uma pequena Escola Dominical, numa congregação na periferia de Diadema, com o mesmo desvelo com que superintendeu, na igreja sede, uma das maiores Escolas Dominicais de São Bernardo do Campo, SP.

Prefácio

Estava eu no Setor de Arte da CPAD, acompanhando a diagramação do *Manual do Diácono*, quando o irmão Ruy Bergstén, gerente industrial da casa, sugeriu-me naquele tom de refinada sabedoria que lhe é tão peculiar:

- E aí. Claudionor, o que virá agora? O **Manual do Superintendente?**

Por que não? Pensei. Até aquele momento, não havia ocorrido ainda nenhuma idéia neste sentido. De imediato, porém, achei-a não apenas atraente, como oportuna e consentânea. Menos de vinte e quatro horas depois, lá estava eu, em frente ao computador, escrevendo este prefácio. [eu bondoso amigo Rui, sem o saber, você usado por Deus para inspirar-me a presente obra.

Na economia divina, as coisas são assim. De uma idéia, que às vezes se exhibe fortuita, surge um livro, nasce um empreendimento missionário e até mesmo se giza um reino. Por isso não posso dizer que este livro haja aparecido por mero acaso. Na vida de quem serve e ama a Deus, não existe acaso nem coincidência. O que há é uma providência maravilhosa e sábia, que nos leva sempre a fazer a vontade divina.

Assim tem sido a minha vida. Seria eu ingrato ao meu Senhor se não reconhecesse, como verdade absoluta, o que escreveu Paulo: "E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Humildemente admito que tão maravilhosa promessa cumpriu-se na idéia e feitura deste modesto e despretensioso manual.

Devo ressaltar que me pus a escrever este manual não apenas levado pela sugestão de um amigo, mas também pela oportunidade que me daria de compartilhar minha experiência como aluno, professor e superintendente de Escola Dominical em várias igrejas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em nossa Casa Publicadora, concedeu-me o Senhor Jesus a graça de trabalhar como redator e chefe do Setor de Educação Cristã. Hoje, além de minhas lides como gerente de publicações, dedico-me a lecionar no CAPED - Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical.

Como não acredito em acasos nem em coincidências. peço-lhe que ore por este manual a fim e que o Senhor use-o para despertar,

em nossos superintendentes, o amor pelo ensino relevante e sua Palavra.

Sempre a serviço do Reino de Deus,

Pr. Claudionor Corrêa de Andrade

Conteúdo

Dedicatória	9
Prefácio	10
A Importância da Escola Dominical	13
I. O QUE É A ESCOLA DOMINICAL	13
II. OS OBJETIVOS DA ESCOLA DOMINICAL	14
III. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NOS TEMPOS BÍBLICOS	16
IV. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NO PERÍODO POSTERIOR AO NOVO TESTAMENTO	19
V. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL	20
VI. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL NO BRASIL.....	21
CONCLUSÃO.....	22
2	23
O que É o Superintendente da Escola Dominical.....	23
INTRODUÇÃO	23
I. O QUE É O SUPERINTENDENTE	23
II. O SUPERINTENDENTE NO ANTIGO TESTAMENTO	24
III. O SUPERINTENDENTE NO NOVO TESTAMENTO.....	24
IV. DIRETOR OU SUPERINTENDENTE.....	25

1

A Importância da Escola Dominical

INTRODUÇÃO

A Escola Dominical de minha infância não possuía os recursos que hoje vejo na maioria de nossas igrejas. Mas era doce e singela aquela escola. Flanelógrafo? Nem sabíamos o que era. Projetor de eslaides? Devo ter visto algum; não me ocorria, contudo, pudesse ser usado numa classe infantil.

Minha Escola Dominical era desprovida de recursos mecânicos e tecnológicos. Audiovisuais? Acho que nem existia tal palavra. Mas não vá imaginar uma escola pré-cambriana. Não éramos contra a modernidade, nem estávamos metidos numa caverna. Se não usávamos determinados expedientes é porque não se achavam disponíveis. As coisas antigamente eram caras.

Apesar de tudo, era uma Escola Dominical abençoadíssima. Minha professora, irmã Maria das Graças, que já dorme no Senhor, era criativa, e tornava cada domingo uma vivida turnê pelas páginas da Bíblia. Suas aulas eram uma enseada onde nossas interrogações aportavam.

De uma forma ou de outra, era uma autêntica Escola Dominical. Tivera eu capacidade para defini-la naquela época, usaria as mesmas palavras de hoje.

I. O QUE É A ESCOLA DOMINICAL

É a Escola Dominical o departamento mais importante da igreja, porque evangeliza enquanto ensina, cumprindo assim, de forma cabal, as duas principais demandas da Grande Comissão, que nos entregou o Senhor Jesus (Mt 28.19-20).

A Escola Dominical é também um ministério interpessoal, cujo objetivo básico é alcançar, através da Palavra de Deus, as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos, a família, a igreja e toda a comunidade.

Por conseguinte, é a Escola Dominical a única agência de educação popular de que dispõe a igreja, a fim de divulgar, de maneira devocional, sistemática e pedagógica, a Palavra de Deus.

O ilustradíssimo pastor Antonio Gilberto assim a descreve: "A Escola Dominical, devidamente funcionando, é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor, na casa do Senhor".

II. OS OBJETIVOS DA ESCOLA DOMINICAL

Quatro são os objetivos primaciais da Escola Dominical: ganhar almas, educar o ser humano na Palavra de Deus, desenvolver o caráter cristão e treinar obreiros.

1. Ganhar almas. Ganhar almas significa convencer o pecador impenitente, através do Evangelho de Cristo, quanto à premente necessidade de arrepender-se de seus pecados, e aceitar o Filho de Deus como o seu Único e Suficiente Salvador.

Evangelizar, ou ganhar almas, é o primordial objetivo da Escola Dominical. Pois antes de ser a principal agência educadora da Igreja, é a E.D. uma agência evangelizadora e evangelística.

- *Evangelizadora.* proclama o Evangelho de Cristo enquanto ensina.

- *Evangelística.* prepara obreiros para a sublime missão de ganhar almas.

Dessa forma, cumpre a Escola Dominical a principal reivindicação da Grande Comissão que nos deixou o Senhor Jesus (Mt 28.18-20). A E. D. que não evangeliza não é digna de ostentar tão significativo título.

2. Educar o ser humano na Palavra de Deus. Em linhas gerais, educar significa desenvolver a capacidade física, intelectual, moral e espiritual do ser humano, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento.

No âmbito da Escola Dominical, educar implica em formar o caráter humano, consoante às demandas da Bíblia Sagrada, a fim de que ele (o ser humano) seja um perfeito reflexo dos atributos morais e comunicáveis do Criador.

As Sagradas Escrituras têm como um de seus mais sublimados objetivos justamente a educação do homem. Prestemos atenção a estas palavras de Paulo: "Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir

em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17).

O Dr. Clay Risley achava-se bem ciente quanto a essa missão da Escola Dominical: "Um jovem educado na Escola Dominical raramente é levado às barras dos tribunais".

3. Desenvolver o caráter cristão. Também é missão da Escola Dominical a formação de homens, mulheres e crianças piedosos. Escrevendo a Timóteo, o apóstolo Paulo é irreplicável: "Exercita-te a ti mesmo na piedade" (1 Tm 4.7).

A piedade não se adquire de forma instantânea. Advém-nos ela de exercícios e práticas espirituais que nos levam a alcançar a estatura de perfeitos varões. Lembro-me, aqui, das apropriadíssimas palavras de Alan Redpath: "A conversão de uma alma é o milagre de um momento; a formação de um santo é a tarefa de uma vida inteira".

Só nos resta afirmar ser a Escola Dominical uma oficina de santos. Ela ensina a estes como se adestrarem na piedade até que venham a ficar, em todas as coisas, semelhantes ao Senhor Jesus. Assim era Sadu Sundar Singh - o homem que se parecia com o Salvador. O que dizer de Thomas à Kempis? Em sua *Imitação de Cristo*, exorta-nos a celebrar diariamente a piedade para que alcancemos o ideal do Novo Testamento: a parecença do homem com o seu Criador. No cumprimento desse ideal tão sublime, como prescindir da Escola Dominical?

4. Treinar obreiros. Embora não seja um seminário, nem possua uma impressionante grade curricular, é a Escola Dominical uma efficientíssima oficina de obreiros. De suas classes é que saem os diáconos, os presbíteros, os evangelistas, os pastores, os missionários e teólogos.

A pesquisa efetuada pelo Dr. C. H. Benson referenda o que está sendo dito: "Um cálculo muito modesto assinala que 75% dos membros de todas as denominações, 85% dos obreiros e 95% dos pastores e missionários foram, em algum tempo, alunos da Escola Bíblica Dominical".

Como discordar de Benson? Se hoje escrevo este livro é porque, quando ainda tenro, meus pais preocuparam-se em levar-me a este bendito educandário. Lembro-me das recomendações que o saudoso José Gomes Moreno, pastor na cidade paulista de São Bernardo do Campo, fazia aos nossos pais: "Não mande seus filhos à Escola Dominical. Venha com eles".

Dos obreiros, professores e doutores na Palavra que hoje conheço, todos tiveram uma herança espiritual comum: a Escola Dominical, cuja história, como veremos a seguir, remonta aos tempos bíblicos.

III. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NOS TEMPOS BÍBLICOS

Embora seja uma instituição relativamente moderna, as origens da Escola Dominical remontam aos tempos bíblicos. Haveremos de descortiná-la nos dias de Moisés, nos tempos dos reis, dos sacerdotes e dos profetas, na época de Esdras, no ministério terreno do Senhor Jesus e na Primitiva Igreja. Não fossem esses inícios tão longínquos, não teríamos hoje a Escola Dominical.

1. Nos dias de Moisés. Além de promover o ensino nacional e congregacional de Israel, Moisés ligou muita importância à instrução doméstica. Aos pais, exorta-os a atuarem como professores de seus filhos: "E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te" (Dt 6.7).

As reuniões públicas recebiam igual incentivo: "Congregai o povo, homens, mulheres e pequeninos, e os estrangeiros que estão dentro das vossas portas, para que ouçam e aprendam, e tenham ao Senhor vosso Deus, e tenham cuidado de cumprir todas as palavras desta lei; e que seus filhos que não a souberem ouçam, e aprendam a temer ao Senhor vosso Deus, todos os dias que viverdes sobre a terra a qual estais passando o Jordão para possuir" (Dt 31.12,13).

2. No tempo dos reis, profetas e sacerdotes. Vários reis de Judá, estimulados pelos profetas, restauraram o ensino da Palavra de Deus, encarregando desse mister os levitas. Eis o exemplo de Josafá: "No terceiro ano do seu reinado enviou ele os seus príncipes, Bene-Hail, Obadias, Zacarias, Netanel e Micaías, para ensinarem nas cidades de Judá; e com eles os levitas Semaías, Netanias, Zebadias, Asael, Semiramote, Jônatas, Adonias, Tobias e Tobadonias e, com estes levitas, os sacerdotes Elisama e Jeorão. E ensinaram em Judá, levando consigo o livro da lei do Senhor; foram por todas as cidades de Judá, ensinando entre o povo" (2 Cr 17.7-9).

O bom rei Josafá incumbiu vários príncipes do ensino da Lei de Deus. Que iniciativa maravilhosa! Príncipes a serviço da educação! Se os governantes de hoje lhe seguissem o exemplo, tenho

certeza de que o mundo haveria de vencer todas as suas dificuldades. Infelizmente, os poderosos não desejam que seus filhos tenham as luzes do saber divino. Aos pastores, todavia, cabe-nos promover a educação da Palavra de Deus a fim de que, brevemente, possamos mudar os destinos desta nação.

3. Na época de Esdras. Foi Esdras um dos maiores personagens da história hebréia. Entre as suas realizações, acham-se o estabelecimento das sinagogas em Babilônia, o ensino sistemático e popularizado da Palavra de Deus na Judéia e, de acordo com a tradição, o estabelecimento do cânon do Antigo Testamento. Provavelmente foi ele também o autor dos livros de crônicas, Neemias e da porção sagrada que lhe leva o nome.

Nascido em Babilônia durante o exílio, viria a destacar-se como escriba e doutor da Lei (Ed 7.6). No sétimo ano de Artaxerxes Longímanso (458 a.C.), recebe ele a autorização para transferir-se à terra de seus antepassados. Acompanham-no grande número de voluntários, que, consigo, trazem dinheiro e material para reerguer o templo e restabelecer o culto sagrado.

Segundo a tradição judaica, a sinagoga foi estabelecida por Esdras durante o exílio babilônico. Como estivessem os judeus longe de sua terra, distantes do Santo Templo e afastados de todos os rituais do culto levítico, Esdras, juntamente com outros escribas e eruditos, resolvem fundar a sinagoga. Funcionava esta não somente como local de culto como também servia de escola às crianças. Foi justamente no âmbito da sinagoga que a religião hebréia pôde manter-se incontaminada numa terra que era a mesma idolatria.

A Escola Dominical, como hoje a conhecemos, tem muito da antiga sinagoga. Dedicam-se ambas ao ensino relevante e popularizado da Palavra de Deus.

Já na Terra de Promissões, Esdras continuou a ensinar a Palavra de Deus aos seus contemporâneos. Em Neemias capítulo oito, deparamo-nos com uma grande reunião ao ar livre:

"Então todo o povo se ajuntou como um só homem, na praça diante da porta das águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o Senhor tinha ordenado a Israel. E Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres, e de todos os que podiam ouvir com entendimento, no primeiro dia do sétimo mês.

"E leu nela diante da praça que está fronteira à porta das águas, desde a alva até o meio-dia, na presença dos homens e das

mulheres, e dos que podiam entender; e os ouvidos de todo o povo estavam atentos ao livro da lei.

"Esdras, o escriba, ficava em pé sobre um estrado de madeira, que fizeram para esse fim e estavam em pé junto a ele, à sua direita, Matitias, Sema, Ananías, Urias, Hilquias e Maaséias; e à sua esquerda, Pedaías, Misael, Malquias, Hasum, Hasbadana, Zacarias e Mesulão. E Esdras abriu o livro à vista de todo o povo (pois estava acima de todo o povo); e, abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. Então Esdras bendisse ao Senhor, o grande Deus; e todo povo, levantando as mãos, respondeu: Amém! amém! E, inclinando-se, adoraram ao Senhor, com os rostos em terra.

"Também Jesuá, Bani, Serebias, Jamim, Acube; Sabetai, Hodias, Maaséias, Quelita, Azarias, Jozabade, Hanã, Pelaías e os levitas explicavam ao povo a lei; e o povo estava em pé no seu lugar. Assim leram no livro, na lei de Deus, distintamente; e deram o sentido, de modo que se entendesse a leitura".

Como seria maravilhoso se as igrejas, hoje, se reunissem ao ar livre para ler e explicar a Palavra de Deus! Creio que muitos de nossos problemas seriam definitivamente solucionados, e já estaríamos a viver um grande avivamento.

4. No período do ministério terreno do Senhor Jesus. Foi o Senhor Jesus, durante o seu ministério terreno, o Mestre por excelência. Afinal, Ele era e é a própria sabedoria. Nele residem todos os tesouros do conhecimento (Cl 2.3).

Clemente de Alexandria considerava Jesus o Educador por excelência: "O guia celestial, o Verbo, uma vez que começa a chamar os homens à salvação... cura e aconselha, tudo ao mesmo tempo. Devemos chamá-lo, então, como um único título: Educador dos humildes. Como ousaremos tomar para nós mesmos, como indivíduos e como Igreja, o título que corresponde somente a ele?"

Era o Senhor admirado por todos, porque a todos ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas e fariseus (Mt 7.29). Em pelo menos 60 ocasiões, é o Senhor Jesus chamado de Mestre nos evangelhos. Pode haver maior distinção que esta? Isto, contudo, era insuportável aos doutores da Lei, escribas e rabinos, pois não tinham condição de competir com o Filho de Deus.

Jesus não se limitava a ensinar nas sinagogas. Ei-lo nas casas, nas mais esquecidas aldeias, à beira mar, num monte e até mesmo no Santo Templo em Jerusalém. Ele não perdia tempo; sempre encontrava ocasião para espalhar as boas novas do Reino de Deus.

Ele curava os enfermos e realizava sinais e maravilhas. Mas, por maiores que fossem suas obras, jamais comprometia Ele o ministério do ensino. Antes de ascender aos céus, onde se acha à destra de Deus a interceder por todos nós, deixou com os apóstolos estas instruções mais que explícitas: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28.19.20).

5. Na Igreja Primitiva. Do que Lucas registrou em Atos dos Apóstolos, é fácil concluir: os discípulos seguiram rigorosamente as ordens do Senhor Jesus Cristo. Ensinaram Jerusalém, doutrinaram toda a Judéia, evangelizaram Samaria, percorreram as regiões vizinhas à Terra Santa. E, em menos de 30 anos, já estavam a falar do Senhor Jesus Cristo na capital do Império Romano "sem impedimento algum" (At 28.31). Se a Igreja cresceu, cresceu ensinando a Palavra de Deus a toda a criatura; se expandiu, expandiu-se evangelizando e discipulando. Sem o magistério do Evangelho, inexistiria a Igreja de Cristo.

IV. O ENSINO DA PALAVRA DE DEUS NO PERÍODO POSTERIOR AO NOVO TESTAMENTO

Antes de sumariarmos a história da Escola Dominical, faz-se mister evocar os grandes vultos do período pós-apostólico que muito contribuíram para o ensino e divulgação da Palavra de Deus.

Como esquecer os chamados pais da Igreja e quantos lhes seguiram o exemplo? Lembremo-nos de Orígenes, Clemente de Alexandria, Justino o Mártir, Gregório Nazianzeno, Agostinho e outros doutores igualmente ilustres. Todos eles magnos discipuladores. Agostinho, aliás, tinha uma exata concepção da tarefa educativa da Igreja: "Não se pode prestar melhor serviço a um homem do que conduzi-lo à fé em Cristo; em consequência, nada há mais agradável a Deus do que ensinar a doutrina cristã".

E o que dizer do Dr. Lutero? O grande reformador do século XVI, apesar de seus grandes e inadiáveis compromissos, ainda encontrava tempo para ensinar as crianças. Haja vista o catecismo que lhes escreveu. Calvino e Ulrico Zwinglio também se destacaram por sua obra educadora.

Foram esses piedosos servos de Cristo abrindo caminho até que a Escola Dominical adquirisse os atuais contornos.

V. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL

A Escola Dominical nasceu da visão de um homem que, compadecido pelas crianças de sua cidade, quis dar-lhes um novo e promissor horizonte. Como ficar insensível ante a situação daqueles meninos e meninas que, sem rumo, perambulavam pelas ruas de Gloucester? Nesta cidade, localizada no Sul da Inglaterra, a delinqüência infantil era um problema que parecia insolúvel.

Aqueles menores roubavam, viciavam-se e eram viciados; achavam-se sempre envolvidos nos piores delitos.

É nesse momento tão difícil que o jornalista episcopal Robert Raikes entra em ação. Tinha ele 44 anos quando saiu pelas ruas a convidar os pequenos transgressores a que se reunissem todos os domingos para aprender a Palavra de Deus. Juntamente com o ensino religioso, ministrava-lhes Raikes várias matérias seculares: matemática, história e a língua materna - o inglês.

Não demorou muito, e a escola de Raikes já era bem popular. Entretanto, a oposição não tardou a chegar. Muitos eram os que o acusavam de estar quebrantando o domingo. Onde já se viu comprometer o dia do Senhor com esses moleques? Será que o Sr. Raikes não sabe que o domingo existe para ser consagrado a Deus?

Robert Raikes sabia-o muito bem. Ele também sabia que Deus é adorado através de nosso trabalho amoroso e incondicional.

Embora haja começado a trabalhar em 1780, foi somente em 1783, após três anos de oração, observações e experimentos, que Robert Raikes resolveu divulgar os resultados de sua obra pioneira.

No dia três de novembro de 1783, Raikes publica, em seu jornal, o que Deus operara e continuava a operar na vida daqueles meninos de Gloucester. Eis porque a data foi escolhida como o dia da fundação da Escola Dominical.

Mui apropriadamente, escreve o pastor Antonio Gilberto: "Mal sabia Raikes que estava lançando os fundamentos de uma obra espiritual que atravessaria os séculos e abarcaria o globo, chegando até nós, a ponto de ter hoje dezenas de milhões de alunos e professores, sendo a maior e mais poderosa agência de ensino da Palavra de Deus de que a Igreja dispõe".

Além de Robert Raikes, muitos foram os evangelistas que se preocuparam com o ensino sistemático da Palavra de Deus às crianças. Eis o que declarou o príncipe dos pregadores, Charles Spurgeon: "Uma criança de cinco anos, se ensinada adequadamente, pode crer para a salvação tanto quanto um adulto. Estou convencido de que os convertidos de nossa igreja que se decidiram quando crianças são os melhores crentes. Julgo que são mais numerosos e genuínos do que qualquer outro grupo, são mais constantes, e, ao longo da vida, os mais firmes".

Assim reafirmou Moody o seu apoio ao ensino cristão: "Há muita desconfiança na igreja de hoje quanto à conversão de crianças. Poucos crêem que elas podem ser salvas; mas, louvado seja o Senhor, esta mentalidade já está modificando -uma luz começa a brilhar".

Expressando o mesmo sentimento que levou Robert Raikes a fundar a Escola Dominical, pondera o pastor Artur A. M. Conçalves, reitor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo: "As maiores vítimas dos males da nossa sociedade estão sendo as crianças. E é das crianças que vêm os mais angustiantes apelos. Para construirmos um mundo melhor, concentremos nossos esforços nas crianças. Para expandirmos o Reino de Deus, demos prioridade à evangelização das crianças".

VI. A FUNDAÇÃO DA ESCOLA DOMINICAL NO BRASIL

A Escola Dominical no Brasil teve como nascedouro a cidade imperial de Petrópolis, no Rio de Janeiro. A data jamais será esquecida: 19 de agosto de 1885. Nesse dia, os missionários escoceses Robert e Sara Kalley dirigiram a primeira Escola Dominical em terras brasileiras. Sua audiência não era grande; apenas cinco crianças assistiram àquela aula. Mas foi o suficiente para que o seu trabalho florescesse e alcançasse os lugares mais retirados de nosso país.

Hoje, naquele local, acha-se instalado um colégio, que faz questão de preservar o memorial que registra este tão singular momento do ensino da Palavra de Deus em nossa terra.

CONCLUSÃO

Tão imprescindível tornou-se a Escola Dominical, que já não podemos conceber uma igreja sem ela. Haja vista que, no dia universalmente consagrado à adoração cristã, nossa primeira atividade é justamente ir a esse prestimoso educandário da Palavra de Deus. É aqui onde aprendemos os rudimentos da fé e o valor de uma vida inteiramente consagrada ao serviço do Mestre.

A. S. London afirmou, certa vez, mui acertada-mente: "Extinga a Escola Bíblica Dominical, e dentro de 15 anos a sua igreja terá apenas a metade dos seus membros". Quem haverá de negar a gravidade de London? As igrejas que ousaram prescindir da Escola Dominical jazem exangues e prestes a morrer.

Já que você acaba de assumir a superintendência da Escola Dominical, dedique este capítulo a recordar a natureza, a origem e o estabelecimento dessa grande agência de ensino da Igreja.

QUESTIONÁRIO

1. O que é Escola Dominical?
2. Quais os seus objetivos?
3. Como era o ensino da Palavra de Deus nos dias de Moisés?
4. Quem fundou a sinagoga, de acordo com a tradição judaica?
5. Nos Evangelhos, quantas vezes Jesus é chamado de mestre?
6. Quem fundou a Escola Dominical?
7. Quem fundou a Escola Dominical no Brasil?
8. Faça uma redação de 50 linhas sobre o tema: A importância da Escola Dominical.

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Ore, agradecendo a Deus pela fundação da Escola Dominical.
2. Leia o capítulo oito de Neemias, repassando as preciosas lições que nos deixa Esdras nesta passagem.

O que É o Superintendente da Escola Dominical

INTRODUÇÃO

Minha primeira experiência como superintendente de Escola Dominical, tive-a numa humilde congregação de um bairro de Diadema, na Grande São Paulo. Se antes atuara como professor e auxiliar do superintendente, agora teria de arcar com as responsabilidades todas de um diretor de escola.

Devo ter superintendido aquela escola por apenas oito meses. Nesse meio tempo, tive a minha rotina alterada com o honroso convite para ir trabalhar na Casa Publicadora das Assembléias de Deus no Rio de Janeiro. Aqueles oito meses todavia, jamais os esquecerei. Que período abençoado! Daquele momento em diante, estaria eu, de uma forma ou de outra, permanentemente ligado à Escola Dominical.

Foi a partir dessa experiência que comecei a reunir condições para responder a estas perguntas: O que é o superintendente da Escola Dominical? Qual a natureza desse cargo? Temos na Bíblia algum antecedente?

I. O QUE É O SUPERINTENDENTE

A palavra *superintendente* é originária do latim, e significa aquele que superintende. Ou seja: aquele que dirige na qualidade de chefe, que inspeciona e supervisiona.

Como sinônimos de *superintendente*, podemos listar também estes substantivos: administrador, dirigente, inspetor e intendente.

No caso específico da Escola Dominical, faríamos bem em declinar um outro sinônimo: diretor. Mais adiante, entraremos a discutir essa terminologia. Por enquanto, basta-nos assenhorear-nos das implicações que acarreta essa palavra.

O superintendente da Escola Dominical, por conseguinte, é o obreiro encarregado de administrar, inspecionar e dirigir o principal departamento da Igreja. É a sua função básica manter a E.D. funcionando perfeitamente para que esta venha a alcançar todos os seus objetivos.

II. O SUPERINTENDENTE NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento, a palavra hebraica *phaqid* é usada para descrever os seguintes cargos: inspetor, encarregado, capataz, superintendente etc. *Phaqid*, por conseguinte, era o encarregado de manter a Casa de Deus funcionando a contento (2 Cr 31.13; 34.10, 12,17).

O cargo de superintendente do Santo Templo teve início quando Davi e Salomão houveram por bem organizar os levitas em turnos, a fim de que estes se encarregassem dos louvores, da guarda do santuário e dos vários misteres sagrados.

Mais tarde, o rei Josias aponta superintendentes que haveriam de se incumbir da reforma do santo templo (2 Cr 34.12).

Em Daniel 2.49, deparamo-nos com os três amigos de Daniel - Sadraque, Mesaque e Abedenego - constituídos como superintendentes da província de Babilônia. Só que, nesse caso, a palavra usada não é o hebraico *phaqid*, e, sim, o aramaico *avidah*. O significado, porém, é basicamente o mesmo: administrador.

III. O SUPERINTENDENTE NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, bispo é a palavra usada como sinônimo de superintendente. Haja vista ser esta a definição clássica de bispo: é o superintendente da igreja. Em português, o verbo bispar exprime com incrível precisão o que deve o bispo fazer: supervisionar, observar atentamente.

De certa forma, a palavra superintendente refere-se também ao ofício de pastor; aponta-o a Bíblia como o administrador do rebanho.

Já que pastor pode ser tido como sinônimo de superintendente, lembremo-nos do que a maioria dos manuais de Escola Dominical prescreve com respeito ao responsável pela igreja: É o pastor o real superintendente da Escola Dominical. Ou seja: por força de seu cargo, tem ele a obrigação de sustentar e apoiar, através de suas orações e ostensiva cooperação, os encarregados por esse tão importante órgão da igreja.

Outra palavra temos no Novo Testamento que significa superintendente: *euniichos*. Este termo não denota apenas um homem privado de sua virilidade; também designa um

administrador ou intendente. Haja vista o ministro da rainha de Candace evangelizado por Filipe (At 8.27).

IV. DIRETOR OU SUPERINTENDENTE

Disse um educador cristão, certa vez, que as igrejas brasileiras deveriam chamar o responsável pela Escola Dominical de diretor e não de superintendente. Já que esta denominação é perfeita na língua inglesa, mas imprópria em português.

Talvez tenha razão aquele educador. No Brasil, os dirigentes de escolas seculares são conhecidos como diretores e não como superintendentes. Esta última designação é própria dos encarregados por algum órgão público. Entretanto, quem pode resistir à força de certas tradições? Há décadas que o responsável pela Escola Dominical vem sendo chamado de superintendente. É uma herança que recebemos dos missionários americanos. Como essa denominação vem correspondendo às nossas necessidades, e já não violenta a nossa semântica, deixemo-la assim.

Superintendente, ou diretor, tem este obreiro uma grande responsabilidade diante do Senhor Jesus e de sua Igreja. Como já o dissemos, é ele o encarregado de fazer a Escola Dominical funcionar perfeitamente, a fim de que os seus objetivos sejam plenamente atingidos.

CONCLUSÃO

Se você acaba de assumir a superintendência da Escola Dominical, busque exercê-la de forma integral; zele por esse ministério; empenhe-se nessa função. E você haverá de colher grandes e abundantes frutos.

Deus não se esquece de seus servos.

Não se mostre remisso. Administre com o ardor de Neemias o que Deus lhe entregou; desempenhe com a mestria de Zadoque quanto o Senhor Jesus lhe confiou; preste conta de tudo como aqueles dois servos que, embora enfrentassem dificuldades, souberam negociar com os talentos recebidos.

Você foi chamado para uma grande função; aja como fiel despenseiro.

QUESTIONÁRIO

1. Qual o significado da palavra superintendente?
2. Defina o que é o superintendente?
3. Quem eram os superintendentes no Antigo Testamento?
4. Quem era o superintendente no Novo Testamento?
5. Quem é o real superintendente da Escola Dominical?
6. Qual a função do superintendente da Escola Dominical?
7. Escreva uma redação de 50 linhas acerca do seguinte tema:
Pastor e Superintendente – A União que Faz a Força da Escola Dominical.

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Ore pelo completo êxito de sua Escola Dominical.
2. Ore pelo seu próprio crescimento espiritual e por seu completo desempenho como obreiro de Cristo.
3. Leia regularmente pelo menos três capítulos da Bíblia todos os dias.

3

Qualificações do Superintendente

INTRODUÇÃO

Hoje voltei a lembrar-me do presbítero Genésio Pereira da Silva, a quem auxiliei na superintendência da Escola Dominical da Assembléia de Deus no Taboão, em São Bernardo do Campo, S.P. Era um obreiro de qualidades singulares, o irmão Genésio. E com ele, muito aprendi naqueles anos de afadigamento pelo ensino cristão.

Além de sua incontestável conversão, mantinha o irmão Genésio uma íntima comunhão com Deus. Servia a Cristo de maneira sacrificial e amorosa. Não se limitava a se dar à Obra de Deus; entregava-se voluntária e servilmente ao Deus da Obra.

No exercício da superintendência, preocupava-se ele com cada aluno; esmerava-se no ensino, e jamais deixou de ser um estudioso devotado da Bíblia. Na pesquisa da Palavra de Deus, logrou compreender satisfatoriamente o hebraico e o grego. Para quem não teve estudos regulares, o progresso era extraordinário.

A obra de Deus prosperava em suas mãos. Nossa Escola Dominical era relevante; fazia diferença. Era um prazer estar lá, pois ele a dirigia, colocando em cada projeto uma parte grande de sua imensa alma.

Tempos depois, já no Rio de Janeiro, vim a saber que o meu amigo estava para morrer em consequência de um câncer. Telefonei-lhe, e ouvi dele este alento:

"Irmão Claudionor, só me resta receber a coroa de justiça que o Senhor Jesus me reservou". Demonstrava ele, naquele instante terminal, a mesma convicção de Paulo.

Nessa esperança, partiu o presbítero Genésio para a eternidade. Mas as suas qualificações, como superintendente de Escola Dominical, continuam a rebrilhar em cada um de seus auxiliares, professores e alunos. Sem tais qualificações, jamais

haveria ele de ser bem sucedido à frente daquela escola, cujas saudades volto a sentir.

I. AUTÊNTICA CONVERSÃO A CRISTO

Seria desnecessário repisar aqui ser a conversão imprescindível para o superintendente de

Escola Dominical. Infelizmente, não são poucos os que se dizem operários do Senhor, mas ainda não tiveram uma real experiência com a sua obra redentora.

Requer-se, pois, tenha o superintendente de Escola Dominical uma autêntica experiência de salvação. Afinal, terá ele de dirigir uma agência, cujo principal objetivo é justamente propagar a Cristo como o Salvador do mundo. Por isso, tem de ser ele plenamente convertido.

1. O que é a conversão. A palavra conversão provém do vocábulo latino *conversionem*, e significa literalmente transformação. No hebraico, temos o vocábulo *sub* que, entre outras coisas, quer dizer voltar atrás. O termo grego é de igual modo mui expressivo: *metaneo* descreve o que todo o pecador arrependido faz ao entregar o seu coração ao Senhor Jesus: deixa o mundo e volta-se radicalmente a Deus.

A conversão, portanto, é a mudança que Deus opera na vida do que aceita a Cristo como o seu Salvador pessoal, modificando-lhe inteiramente a maneira de ser, pensar e agir. É o lado objetivo e externo do novo nascimento. Por intermédio dela, o pecador arrependido mostra ao mundo a obra que Cristo operou em seu interior: a regeneração.

Tem o novo nascimento, por conseguinte, dois lados: um subjetivo e outro objetivo. O subjetivo é conhecido como a regeneração; somente Deus pode aferi-lo. E o objetivo, conforme já o dissemos, é a conversão: pode ser constatado por todos. Não afirmou o Senhor Jesus que pelos frutos se conhece a árvore?

2. Conversão, uma experiência que todos podem ter. O que você diz de si mesmo? Já experimentou a conversão? Sente que é filho de Deus? Se a resposta a essas perguntas for negativa, rogue ao Senhor, agora mesmo, que o receba como filho, e em contrapartida, receba o Filho de Deus como o seu Único e Suficiente Salvador. A partir daí, sua vida nunca mais será a mesma. Você estará apto a,

não apenas, ser um superintendente como também uma eficaz testemunha de Cristo.

3. A experiência cristã completa. Nenhuma igreja, segundo consta, exige seja o candidato à superintendência da Escola Dominical batizado no Espírito Santo. Tal experiência, porém, não deve faltar à vida de nenhum servo de Cristo. É algo sumamente glorioso que o Senhor nos colocou à disposição a fim de que o sirvamos com redobrada eficiência (At 1.8).

O batismo no Espírito Santo faz parte integral da experiência do crente (At 2.38,39). Leva-o a uma vida de serviço a Cristo, realça-lhe o testemunho, fortalece-o em sua luta contra o pecado.

Você já foi batizado no Espírito Santo? Então, busque-o agora mesmo. A ordem do Senhor Jesus Cristo é: "Ficai em Jerusalém até que lá do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.47).

II. BOM TESTEMUNHO

A principal evidência da conversão é a qualidade da vida espiritual, moral e social que o pecador passa a ter logo após haver recebido a Cristo como Salvador. Quem já aceitou a Cristo, deve andar como Cristo andou (1 Jo 2.6). A isto chamamos bom testemunho. É a forma como o novo crente posta-se diante do mundo, da Igreja e do próprio Deus.

Biblicamente, o bom testemunho é sinônimo de novidade de vida. Eis o que escreveu o apóstolo: "Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6.4).

O que isto significa?

Significa que a pessoa que já experimentou o novo nascimento é, de fato, uma nova criatura. Diz ainda o apóstolo: "Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.17).

Se você já nasceu de novo, ande em novidade de vida. Demonstre ser nova criatura. Dê provas cabais de sua experiência cristã; o seu bom testemunho deve ser a todos manifesto. Estará você, assim, glorificando plenamente o nome de Deus. Como é maravilhoso o crente que anda como Jesus andou! Por todos é aceito, até mesmo por aqueles que lhe nutrem nenhuma simpatia.

III. AMOR À PALAVRA DE DEUS

O saudoso missionário Eurico Bergstén exortava continuamente os obreiros a nutrir um amor sempre renovado pela Palavra de Deus. Somente assim, lembrava ele, poderá o homem de Deus cumprir perfeitamente a tarefa que lhe fiou o Senhor Jesus.

Amar a Palavra de Deus! Deve esta ser uma das principais características do superintendente da Escola Dominical. Porque estará ele a dirigir um educandário que tem como livro de texto justamente a Bíblia Sagrada. Se não amar o Livro dos livros, como induzirá os professores e alunos a andarem de conformidade com os preceitos dos profetas e dos apóstolos de Nosso Senhor?

Amar a Palavra de Deus requer nos mantenhamos em permanente contato com ela. Leiamos-la todos os dias; estudemo-la sistemática e devocionalmente. Ensinemo-la a tempo e a fora de tempo. De quem a ensina, demanda-se uma singular intimidade com os seus preceitos e doutrinas. Cantava o salmista Davi: "Oh! quanto amo a tua lei; é a minha meditação todo o dia" (SI 119-97).

Todas as nossas atitudes em relação à Bíblia devem ser de amor e duplicada devoção. Conta-se que Martinho Lutero possuía um amor tão grande pela Bíblia que, em seus estudos, gastava-se e se deixava gastar. Não raro, sua esposa encontrava-o desmaiado sobre o Santo Livro. Eis porque não lhe foi difícil infundir, em seu povo, o amor pela Palavra de Deus.

Leia a Bíblia toda pelo menos uma vez por ano. Caso tenha condições de ler seis capítulos diariamente, poderá lê-la a cada seis meses. Além dessa leitura diária e devocional, busque estudá-la de forma sistemática. Veja como foi ela escrita, quem eram seus vários autores, em que circunstâncias foram seus livros produzidos, os temas de cada um destes e quais as suas principais reivindicações.

Não se esqueça: Tenha sempre a Bíblia como a infalível, inerrante e inspirada Palavra de Deus. Sim, ela é a Palavra de Deus! Nesse ponto doutrinai, não se admite qualquer transigência é a Bíblia a nossa única regra de fé e prática.

IV. VIDA DEVOCIONAL

Além da leitura bíblica diária, devocional e sistemática, haverá o superintendente da Escola Dominical de manter uma vida de oração e exercícios espirituais regulares. Terá ele de ser um homem

em tudo piedoso e santo. Você está preparado a reconsagrar totalmente a sua vida, a partir de agora, em prol do Rei Jesus?

1. O que é a vida devocional. Entendemos por vida devocional aquela aproximação diária e constante do crente com Deus, que o leva a tornar-se parecido com o seu Senhor. Vida devocional é o exercício da piedade: "Exercita-te a ti mesmo na piedade" (1 Tm 4.7).

A vida devocional envolve a oração, a disciplina mental e um comportamento pessoal, familiar e social irrepreensível.

2. Oração. Só obteremos êxito em nossa carreira espiritual se encararmos a oração com seriedade. O experimentadíssimo evangelista Billy Graham aconselha-nos começar o dia com, pelo menos, 15 minutos de oração. Dessa forma, estaremos preparados a enfrentar todos os percalços e dificuldades do cotidiano.

Você ora diariamente? Quantos minutos dedica você, todos os dias, a falar com Deus? Como superintendente da Escola Dominical, grandes e urgentes são as suas responsabilidades. Tem você, agora, a responsabilidade de orar em favor de cada aluno, de cada professor e de cada obreiro que se acha envolvido nesse grande empreendimento. Agora, cabe-lhe orar também por seu pastor, pela igreja como um todo e por todos aqueles que passarão a fazer parte da Escola Dominical.

Sua oração, doravante, será basicamente sacerdotal. O que isto significa? Significa que estará você sempre a interceder por cada um dos integrantes da Escola Dominical. Não se esqueça jamais destas palavras de Samuel: "E quanto a mim, longe de mim esteja o pecar contra o Senhor, deixando de orar por vós; eu vos ensinarei o caminho bom e direito" (1 Sm 12.23).

Busque sempre uma ocasião propícia para orar. Não desperdice o seu tempo; ore, interceda, aprofunde sua comunhão com Deus. O êxito na oração requer disciplina, horário e abnegação. Você haverá de constatar que, com o passar dos tempos, o orar tornar-se-lhe-á tão orgânico e necessário, que você não conseguirá passar um dia sequer sem que esteja aos pés do Senhor Jesus Cristo. Orar será um prazer.

3. Disciplina mental. O que é a disciplina mental? É a forma como ordenamos os pensamentos em consonância com o padrão ético e espiritual que nos fornece a Bíblia Sagrada - a infalível, inerrante e inspirada Palavra de Deus.

Em seus Provérbios, exorta-nos o sábio: ¹"Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23). Observe como Salomão é enfático: "Guarda com toda a diligência". Isto significa que temos de vigiar constantemente nossos pensamentos a fim de que não se contaminem com imagens e sugestões nascidas no inferno. Não se deixe levar pelos pensamentos impuros, pelos impulsos assassinos e por aqueles estímulos que, se não forem imediatamente combatidos, acabarão por comprometer-nos a vida espiritual. Tão logo lhe nasçam semelhantes pensamentos, expulse-os. Não permita façam eles ninho em seu espírito. Clame pelo sangue de Jesus. Nossos pensamentos têm de permanecer sempre puros a fim de que nossos vestidos conservem-se irresistivelmente alvos: "Sejam sempre alvas as tuas vestes, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça" (Ec 9.8).

Para que você mantenha puros os seus pensamentos, tenha em mente a Palavra de Deus. Medite nela dia e noite. Sussurre-a continuamente. Louve ao Senhor em todo o tempo. E não se esqueça destas precauções: não assista a filmes com apelos eróticos e violentos, ou outros divertimentos que sugiram lascívia e impurezas; não se dê às leituras perniciosas; cuidado com o que vê e com o que ouve.

Todas as vezes que se sentir tentado pela concupiscência dos olhos, recite as palavras iniciais de Jó capítulo 31. Jamais deixe de vigiar; Cristo em breve virá buscar a sua Igreja. Além do mais, como superintendente da Escola Dominical, sua vida terá de permanecer no altar. Doutra forma, não conseguirá cumprir satisfatoriamente a sua tarefa.

Não perca tempo com a televisão. Se você a assistir duas horas todas as noites, estará comprometendo um tempo tão precioso que jamais haverá de recuperar. Ocupe essas duas horas da seguinte forma: dedique 30 minutos à oração; 60, para ler a Palavra de Deus; e 30, para ler, por exemplo, uma teologia sistemática ou um bom devocional. Surpreendido, verificará quantos livros de excelente qualidade não terá você lido em tão pouco tempo.

Mantenha uma vida devocional conforme o requer a Palavra de Deus, e todo o trabalho de suas mãos prosperará. Não é o que nos promete o Senhor no Salmo Primeiro? Seja piedoso e santo. Não negocie a sua integridade. Exige o Senhor tenhamos uma vida inteiramente dedicada ao seu serviço. Jamais descure de sua devoção.

V. CORRETA CONCEPÇÃO DO REINO DE DEUS

Você sabe o que é o Reino de Deus? Temos aqui uma das mais difíceis concepções teológicas. De maneira geral, podemos dizer que o Reino de Deus é tudo quanto preparou o Senhor para aqueles que o amam. Neste sentido, podemos considerar a Igreja de Cristo como a sua agência por excelência.

Como o superintendente da Escola Dominical estará atuando no âmbito eclesiástico, terá ele de orar como o Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos: "Venha o teu Reino". Se assim não orarmos, certamente estaremos a formar nossos reinos particulares. E, ao invés de sermos considerados filhos do Rei, ver-nos-á a Igreja como aqueles cruéis régulos da Canaã pré-israelita.

Deus o chamou para um trabalho específico dentro do Reino. Não faça da Escola Dominical um feudo; não a transforme numa possessão. Não se utilize do cargo para fazer oposição ao seu pastor. Seja deste um amigo sempre leal. Se ele o colocou à frente da Escola Dominical é porque viu, em você, uma solução; não queira ser como o perverso Diótrefes que, na Primitiva Igreja, gostava de ter em tudo a primazia (2 Jo 9).

Empenhe-se por Cristo. Esteja sempre interessado pela Obra de Deus. Quantos talentos recebeu você ao assumir a Escola Dominical? Um? Dois? Ou cinco? Não importa. Multiplique-os. Negocie-os. Um dia o Senhor Jesus haverá de chamá-lo a prestar contas. Tenha uma exata concepção do Reino de Deus; não construa nenhum império. Todas as vezes que se sentir tentado a criar o seu feudo na Seara do Mestre, ore: "Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade assim na terra como no céu" (Mt 6.10).

VI. DEDICAÇÃO AO ESTUDO

Além do amor que deve ter o superintendente pela Palavra de Deus, haverá ele de demonstrar muita dedicação ao estudo. No entanto, volto a frisar: o seu interesse supremo tem de estar centrado nas Sagradas Escrituras. Se não as ler cotidianamente, se não as estudar de maneira regular e sistemática, não poderá jamais assumir semelhante cargo; a Escola Dominical outra coisa não é senão uma escola que se dedica ao estudo da Palavra de Deus.

Miremos o exemplo de Paulo. Embora se dedicasse amorosa e devocionalmente ao estudo das Sagradas Escrituras, não deixava ele de se voltar aos outros ramos da cultura. Quando preso, pediu a Timóteo: "Quando vieres traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos" (2 Tm 4.13). Eis porque houve-se tão bem ao transitar pelas três principais culturas da época: hebraica, romana e grega. No areópago, o apóstolo citou Aristóteles; na Epístola a Tito, mencionou Epimênides. Damos a seguir algumas sugestões de estudos e pesquisas a fim de que você se aprimore no ministério do ensino:

1. Sagradas Escrituras. Volto a insistir e o farei quantas vezes forem necessárias. Estude a Bíblia de forma devocional, sistemática e regular. Tenha em sua casa, se possível, todas as versões disponíveis em português. Procure aprender o hebraico e o grego para ler as Sagradas Escrituras no original. Hoje, graças a Deus, temos farto material que nos propicia um aprendizado auto-didático das línguas bíblicas. Você verá que tais conhecimentos não se acham disponíveis apenas a uma elite; todos podemos ter-lhe acesso.

2. Gramática. Aprenda a falar e a escrever corretamente a sua língua. Adquira boas gramáticas; estude-as. Corrija as suas falhas. Como superintendente de uma escola, tem você obrigação de manejar bem a língua materna. Escola Dominical é também cultura.

Fale corretamente. Escreva de forma escoreita. Terá você de redigir cartas e memorandos, convites e comunicados. E se você não os souber redigir, como ficará a comunicação de sua Escola Dominical?

3. Teologia. Não se exige seja o superintendente da Escola Dominical um consumado teólogo. No entanto, precisa ele conhecer profundamente as doutrinas bíblicas. É inimaginável um leigo nesse cargo. Se na Escola Dominical estuda-se doutrinas bíblicas, como poderei superintendê-la se ignoro o credo de minha igreja e se não sei como posicionar-me teologicamente diante da vida. Minha cosmo visão cristã tem de ser bem nítida.

Forme a sua biblioteca teológica. Recomendamos, aqui, dois livros, ambos conservadores e escritos sob a perspectiva pentecostal: *Doutrinas Bíblicas* e *Teologia Sistemática*, o primeiro escrito por Stanley Horton e o segundo editado por este.

4. Pedagogia. Estará você, como superintendente da Escola Dominical, a lidar com uma ciência indispensável: a pedagogia. Portanto, estude com afincamento as seguintes matérias: Pedagogia,

Didática, História da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação etc. Não se esqueça de que estará a tratar com não poucos professores que dominam tais matérias. Já pensou como seria vexatório se você ignorasse os fundamentos dessas disciplinas? Portanto, esforce-se. Persista em ler! É a recomendação de Paulo.

5. Cultura geral. Além das matérias apontadas, faria bem o superintendente da Escola Dominical se começasse a interessar-se pela cultura geral. Deve ele conhecer a história de seu país e a do mundo. Hoje, dispomos de livros que nos proporcionam um excelente saber enciclopédico. Não se requer do superintendente seja um especialista em todas as áreas, mas exige-se seja ele bem informado e saiba como posicionar-se corretamente diante dos fatos humanos.

CONCLUSÃO

Concluindo este capítulo, gostaria de dizer-lhe que o meu amigo Genésio era um superintendente que não estava apenas envolvido com a Escola Dominical. Estava ele totalmente comprometido com esta.

Envolver-se não é difícil. Mas comprometer-se, sim.

Por isso, peça a Deus que lhe dê as qualificações necessárias a fim de que você se envolva e comprometa-se com a Escola Dominical. O superintendente eficaz é semelhante àquele escriba de que falou o Senhor: de seu tesouro haverá de tirar coisas maravilhosas e surpreendentes. O seu tesouro, querido irmão, é inexaurível; é a Palavra de Deus.

QUESTIONÁRIO

1. O que é a conversão? K. O que é o bom testemunho? B. Disserte sobre este assunto: Por que deve o superintendente amar a Palavra de Deus?

4. O que é a vida devocional?

5. Como cultivar uma vida de oração?

6. Como manter pura a mente?

7. Por que é importante termos uma correta concepção do Reino de Deus?

8. Em relação ao Reino de Deus, o que é a Igreja?

9. Como dedicar-se aos estudos?

10. Por que deve ser o superintendente da Escola Dominical um homem estudioso?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Leia as duas cartas de Paulo a Timóteo.
2. Escreva uma redação de trinta linhas sobre este tema: "Em que preciso melhorar minhas qualificações como superintendente?"
3. Neste momento, dobre os joelhos e ore ao Pai Celeste a fim de que Ele aperfeiçoe cada uma de suas qualificações como superintendente.

Os Deveres do Superintendente

INTRODUÇÃO

Quando superintendente da Escola Dominical na Assembléia de Deus em Cordovil, no Rio de Janeiro, tinha por norma chegar à igreja, todos os domingos, às oito e meia. O pastor Waldir Neves exigia fôssemos rigorosos no horário. Nesse dinâmico, e zeloso homem de Deus, possuíamos um raro exemplo de pontualidade; era o primeiro a chegar e o último a sair daquele santuário onde tantas bênçãos recebi.

Como os trabalhos só começavam às nove horas, permanecíamos trinta minutos em oração. Não posso esquecer aqueles momentos de comunhão e beleza aos pés do Senhor Jesus. Doces e íntimas devoções!

Os professores e alunos não fugiam à regra. Estar lá, antes do horário, tornara-se algo quase que orgânico. A pontualidade, contudo, era apenas um de meus deveres como superintendente.

Ao longo dos anos, havia aprendido que a superintendência de uma Escola Dominical somente será bem sucedida se a exercermos em sua plenitude. Temos de zelar por ela de segunda a segunda para que o domingo não seja frustrado. Embora ocupe apenas um dia, requer estejamos ocupados com ela os sete dias da semana.

I. PONTUALIDADE

Pelo que já foi dito acima, não é difícil inferir ser a pontualidade um dos mais requisitados deveres do superintendente da Escola Dominical. Cultive este hábito; dele tirará grandes proveitos.

Em primeiro lugar, poderá dedicar-se à oração. Sem estar pressionado pelo relógio, terá tempo suficiente para agradecer a Deus por mais um domingo de estudo e meditação em sua Palavra; rogará em favor de cada aluno, professor e obreiro; retemperar-se-á na presença divina. E após estes momentos de devoção e refúgio,

estará preparado aos afazeres do dia; não haverá de descontrolar-se ante o inesperado nem perturbar-se diante dos imprevistos. Tudo correrá de conformidade com o relógio de Deus.

Você ainda terá condições de verificar se as salas estão devidamente arrumadas. Ato contínuo, dirigir-se-á à porta do templo para recepcionar os alunos. E se for preciso, ainda poderá reunir-se com os professores e auxiliares mais diretos, a fim de repassar-lhes as últimas instruções.

Bastam 30 minutos de antecedência, e todas as eficas disposições serão tomadas. Mas se chegar tarde, como poderá organizar-se? O superintendente responsável sabe que, se perdermos uma hora pela manhã, passaremos o restante do dia correndo atrás dela... e não mais a recuperaremos. Certa vez perguntaram ao almirante inglês, Nelson, qual o segredo de seus êxitos. Respondeu que os devia à pontualidade; jamais chegara atrasado a um compromisso.

Você tem sido pontual? Ou é do tipo relapso, que só chega depois do horário e, apesar disso, traz sempre uma justificativa? Suas desculpas acham-se porém desgastadas; não convencem. Veja quanto tempo perde você; no atraso, perde; e, tentando justificar-se, perde ainda mais. Não seria mais econômico ser pontual?

A pontualidade é a virtude própria das nações robustas e bem educadas. Experimente chegar atrasado a uma reunião marcada por um britânico. De imediato, sentir-se-á excluído. Do outro lado do Canal da Mancha, a exigência é a mesma. O rei Luiz XVIII de França afirmou, certa vez, ser a pontualidade a polidez dos reis. Que o seja também do superintendente da Escola Dominical!

II. CONHECER A REALIDADE DA ESCOLA DOMINICAL

Você conhece a realidade de sua Escola Dominical? Infelizmente, há superintendentes que, embora no cargo há cinco ou seis anos, ainda não sabem sequer os nomes de suas classes. Isso revela, entre outras coisas, desinteresse, apatia. Tem-se a impressão de que o superintendente só se interessa pela Escola Dominical aos domingos. Na segunda-feira, esquece-a por completo.

Para quem vive e pensa a Escola Dominical, torna-se esta a Escola Semanal; organicamente, estará a funcionar, em seu superintendente, de segunda a sábado. O domingo será apenas um suplemento; servirá para legitimar-lhe o nome.

1. Porque é importante conhecer a Escola Dominical. Em primeiro lugar, o superintendente só haverá de justificar o seu cargo se conhecer, sistemática e planejadamente, a sua Escola Dominical. Doutra forma, como poderá superintender algo que desconhece? A supervisão e a inspeção requerem uma visão detalhada do todo.

Por isso, comece, a partir de agora, a conhecer a sua Escola Dominical. Tenha desta uma visão tanto microscópica quanto macroscópica. Veja-a no contexto eclesialístico, isto é, em relação aos demais departamentos da igreja; e também em si mesma. Conheça-a tanto em separado como parte do todo.

2. Como conhecer a Escola Dominical. Em virtude de sua própria natureza, não se pode conhecer a Escola Dominical de forma improvisada. É necessário começar por suas origens, objetivos e finalidades. Que tal iniciar por sua história?

Como vimos no início desta obra, as origens da Escola Dominical remontam aos tempos do Antigo Testamento, passam pelos dias de Jesus e de seus apóstolos até consolidar-se com Robert Raikes. Nessa peregrinação, os itens da Grande Comissão vêm sendo plenamente cumpridos.

Busque, em seguida, conscientizar-se dos supremos objetivos da Escola Dominical: evangelismo e ensino. A partir daí, estará você preparado a conduzi-la de conformidade com o seu contexto histórico e de acordo com os seus supremos alvos.

3 · O que deve também o superintendente conhecer. Além de sua Escola Dominical, deve o superintendente inteirar-se de sua realidade sociocultural. Ou seja: em que área está a sua igreja localizada, e qual o perfil de seus membros? A partir dessas informações, haverá você de direcionar melhor seus esforços, estabelecendo uma filosofia de trabalho orientada a essa realidade.

Se a sua igreja estiver num bairro de classe média, terá você um enfoque clássico de atuação. Mas, se numa favela, será obrigado a cuidar tanto do ensino da Palavra de Deus como das necessidades mais imediatas de seus alunos.

Se você conhecer a realidade de sua Escola Dominical, como Neemias conhecia as dificuldades e carências de seu trabalho em Jerusalém, poderá, em pouco tempo, levantar os muros caídos da obra que lhe entregou o Senhor e levá-la a funcionar de forma perfeita e eficaz. É o que o seu pastor e a igreja esperam de você. Pense nisso!

III. ZELAR PELO BOM ANDAMENTO DOS TRABALHOS

Não acho que o superintendente seja um pastor, mas que possui ele um rebanho, não o podemos negar. Tal prerrogativa, recebeu-a ele de seu pastor-presidente. Mas que jamais venha a prevalecer-se disso. Quando inquirido, não se furte a prestar contas à direção da igreja. Sendo humilde no cargo, jamais será humilhado na função.

O superintendente também não é um bispo, mas supervisiona. Não é um evangelista; ai dele, contudo, se não pregar o Evangelho. Não é um presbítero; vêm-no todos, entretanto, como alguém grave, responsável. Não é um diácono; todavia, se não servir eficazmente, como haverá de ser contado entre os servos de Deus?

Eventualmente, pode o superintendente vir a ser um pastor, um evangelista, um presbítero ou um diácono. De uma forma ou de outra, terá ele a responsabilidade de, enquanto na direção da Escola Dominical, zelar pelo bom andamento dos trabalhos desta. O que isso significa? Que deve ele mantê-la em pleno funcionamento.

Se detectar qualquer falha na Escola Dominical, busque resolvê-la de imediato. Não deixe que os problemas se acumulem; problema acumulado não é problema, é crise. Converse com os seus auxiliares; consulte os professores e alunos; requisiite o conselho sempre sábio de seu pastor. Verificará você que, na multidão de conselhos, os problemas são resolvidos com mais facilidade.

Não nos demoraremos neste tópico, porque entraremos a verificar, nos seguintes, como manter a Escola Dominical em pleno funcionamento. Leia-os, pois, com redobrada atenção. Como não conseguiremos contemplar todas as necessidades e urgências de uma Escola Dominical, posto que muitas e diversas, busque sempre que necessário o auxílio de outros livros especializados e o indispensável parecer dos obreiros mais experimentados, principalmente de seu pastor.

IV. MANTER A DISCIPLINA

"Ordem e progresso". Este o lema do pavilhão nacional. Motivado embora pelo positivismo, retrata ele uma grande realidade: sem disciplina é impossível qualquer progresso. Que o diga a história das mais avançadas nações. Quem lê Viana Moog

sabe muito bem que o segredo do agigantado progresso dos Estados Unidos acha-se justamente na disciplina do trabalho.

Ora, se o trabalho secular requer ordem e disciplina, o que não dizer da Obra de Deus? Haja vista a construção do Tabernáculo e do Santo Templo. Tanto Moisés quanto Salomão ordenaram de tal forma as atividades de seus obreiros que tudo veio a sair de acordo com o cronograma divino. Por que agiríamos doutra forma?

E necessário, pois, muita disciplina para que a Escola Dominical faça-se dinâmica e tenha a relevância que lhe requer a Palavra de Deus. A disciplina tem de ser mantida pelo superintendente.

1. O que é a disciplina. É o regime de ordem livremente consentido ou imposto por uma força maior. Pode ser entendida também como o ordenamento que convém ao funcionamento regular duma organização. É a observância de preceitos ou normas.

2. Os dois tipos de disciplina. Há dois tipos de disciplina: preventiva e corretiva.

a) Preventiva. É o tipo de disciplina que tem por objetivo manter o regime de ordem com o consentimento de todos. Por isso, é importante que o superintendente verifique se as dependências de sua Escola Dominical favorecem a ordem. Procure responder a estas perguntas com toda objetividade e critério: "Minhas dependências são adequadas? As salas de aula são arejadas e possuem iluminação adequada? E o mobiliário, é ergonômico? As salas do departamento infantil estão adequadamente equipadas? Como são os professores? Acham-se devidamente treinados? Têm eles noções precisas de disciplina? Os professores de criança receberam treinamento especializado em evangelismo infantil?" Se a sua Escola Dominical funcionar conforme preconizam os cânones da didática, terá você certamente poucos problemas com a disciplina.

b) Disciplina corretiva. Se a disciplina preventiva não proporcionar os resultados esperados, faz-se necessário partir para a disciplina corretiva. Compõe-se esta de advertências, suspensões p até de substituição no cargo. Nesse caso, deve o superintendente sempre consultar o seu pastor k fim de não cometer injustiça.

3. Base da disciplina na Escola Dominical. A base da disciplina a ser observada na Escola Dominical acha-se: 1) na Palavra de Deus - nossa única regra de fé e prática; 2) nos regulamentos e estatutos adotados pela igreja local; 3) nas normas

que a própria Escola Dominical, com o pleno assentimento da igreja, estabelece.

4. Objetivo da disciplina. Propiciar o pleno funcionamento da Escola Dominical, levando-a a alcançar os seus primaciais objetivos: ensinar a Palavra de Deus e evangelizar.

5. Em que consiste a disciplina na Escola Dominical. A fim de que a disciplina seja plenamente celebrada na Escola Dominical é mister se observe os seguintes princípios básicos:

Reverência para com a Bíblia. É indispensável que todos, do pastor ao aluno da Escola Dominical, tenham a Bíblia como a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus - a única base para termos uma vida santificada para que nos apliquemos com sacrificial amor ao serviço cristão.

b) Obediência às normas estabelecidas. Que todos observem as normas estabelecidas pela igreja quanto ao funcionamento da Escola Dominical. Qualquer mudança, ou alteração, deve ser submetida à apreciação do pastor.

c) Respeito aos responsáveis pela Escola Dominical. Embora os evangélicos não adotemos um sistema hierárquico no ministério, não podemos esquecer-nos de que existe uma cadeia de comando, e que esta tem de ser observada. Haja vista o que recomenda a Palavra de Deus: "Obedecei a vossos guias, sendo-lhes submissos; porque velam por vossas almas como quem há de prestar contas delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil" (Hb 13-17).

Por isso deve o superintendente honrar o seu pastor e fazer-se respeitar diante dos professores e alunos, levando-os a reconhecer as autoridades espirituais constituídas por Cristo.

d) Observância dos horários. Conforme já vimos, é indispensável se observe rigorosamente os horários de início e término dos trabalhos. Se o superintendente for relapso quanto a este item, como exigirá sejam pontuais seus subordinados? Comece e termine a Escola Dominical no horário estipulado. Lembre-se: as irmãs precisam fazer o almoço e cuidar de seus afazeres.

Tanto o superintendente quanto os professores de\ em chegar pelo menos trinta minutos antes do início dos trabalhos para santificar este tempo à oração. Não comece nenhum trabalho sem dobrar os joelhos e entregar-se ao Amado Senhor.

6. Disciplina espiritual. É imprescindível sejam os professores, alunos e diretores da Escola Dominical disciplinados

espiritualmente. Têm eles o hábito de orar, interceder pelo Reino de Deus, ler a Bíblia, praticar as boas obras e aguardar a vinda de Nosso Senhor? Se não forem piedosos, como haverão de executar o seu trabalho de forma valorosa?

Seja disciplinado e saiba como manter a disciplina; mui considerável é a sua responsabilidade.

V. PROPORCIONAR UM CLIMA DE FRATERNIDADE CRISTÃ

Fraternizar não é um verbo muito conhecido na língua portuguesa. Eu pelo menos não o conhecia até que comecei a escrever este tópico. Confraternizar eu o conheço e bem; era um dos verbos mais usados em minha igreja, principalmente na passagem do ano. Quando dava meia-noite, a banda punha-se a tocar um daqueles hinos inesquecíveis. E, todos os irmãos, ungidos por um júbilo que só o Espírito Santo pode dar-nos, entrávamos a nos abraçar.

Isto era confraternização.

Mas para que esta se tornasse realidade, a fraternidade tivera de ser pacientemente cultivada. Na Primitiva Igreja, os irmãos tudo faziam por manter a fraternidade: "Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que se vos escreva, visto que vós mesmos sois instruídos por Deus a vos amardes uns aos outros" (1 Ts 4.9). Era a fraternidade tão comum àqueles crentes, que o apóstolo, a esse respeito, achava-os mais do que instruídos.

Para que a sua Escola Dominical progrida e alcance os seus principais objetivos, faz-se necessário que saiba você conjugar o verbo fraternizar em todas as vozes e modos.

Em primeiro lugar, faça com que os alunos sintam-se membros de uma grande família - a Igreja de Cristo. Já que pertencem à Igreja, podem usufruir de uma comunhão que somente Cristo proporciona.

Não permita que os alunos e professores vejam a Escola Dominical como se fora uma parte distinta da igreja. Se isto vier a acontecer, estará você falhando como superintendente; o seu papel é justamente servir a igreja através da Escola Dominical. Que todos se conscientizem de que cada um em particular faz parte da igreja local e da Invisível Igreja.

Leve os alunos e professores a respeitarem o seu pastor e a acatarem os membros do santo ministério. Não jogue as ovelhas contra o seu pastor, nem este contra elas. Lembre-se do que afirmou

o Senhor no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus" (Mt 5.9).

Conjuguem o verbo fraternizar. Pacifique os professores e alunos; reconcilie-os. Afinal, recebemos do Senhor o ministério da reconciliação (2 Co 5.18). Aja com justiça; não seja tendencioso. Saiba como impor a disciplina. Agindo assim, fará com que todos se sintam irmãos queridos e necessários.

Ouse conjugar o verbo fraternizar; a sintaxe da cooperação torna-se mais fácil.

VI. PROVIDENCIAR OS RECURSOS PARA O BOM ANDAMENTO DOS TRABALHOS

Também é sua missão providenciar todos os recursos de que necessita a Escola Dominical. Se esta vier a funcionar deficitariamente, como logrará seus objetivos? Por isso, faça as necessárias provisões. Converse com o seu pastor; pergunte-lhe como serão arrecadados os recursos para prover a Escola Dominical.

Em virtude de sua própria natureza, a Escola Dominical exige grandes investimentos: material didático, mobiliário, reciclagem de professores etc. Não espere que os materiais acabem; providencie-os antes. Faça como José. Tão provido era o hebreu que, além de sustentar o Egito, manteve sua grande família naquele momento de dificuldades. Mais adiante, estaremos tratando com mais vagar deste assunto. Por agora, ponhamo-nos a cuidar com redobrada diligência das provisões.

VII. PROMOVER A ESCOLA DOMINICAL

Alguém afirmou, certa ocasião, que seria muito difícil sintetizar uma definição de marketing, por ser este mais um estado de espírito. De qualquer forma, busquemos uma definição.

1. Definição de marketing. O Dicionário Aurélio assim no-lo define: "Conjunto de estudos e medidas que provêm estrategicamente o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor, garantindo o bom êxito comercial da iniciativa".

2. Os três pés do marketing. Dizem os especialistas que, para alcançarmos o êxito mercadológico, é de fundamental importância atentarmos a estes três pés: produto, preço e promoção. Se nos

mostrarmos desleixados quanto a qualquer um deles, haveremos de fracassar estando o nosso produto ainda no nascedouro.

a) *Produto*. Sem dúvida alguma, é a Escola Dominical um dos melhores produtos que a nossa igreja pode oferecer. Vem sendo ela experimentada e aperfeiçoada ao longo destes quatro mil anos de história sagrada. A começar de Moisés no Antigo Testamento, passando pelo Mestre dos mestres e seus apóstolos, até finalmente chegar a Robert Kalley, conclui-se ser a Escola Dominical um produto de comprovada excelência. Ela evangeliza enquanto ensina; é a relevância das relevâncias.

Eis porque temos de aperfeiçoar constantemente esse produto a fim de que jamais venha a perder a sua magnitude.

b) *Preço*. Se o produto é de excelência, o preço não poderia ser melhor: é completamente de graça. Não é necessário nenhum centavo para tornar-se aluno da Escola Dominical. Se para freqüentar uma universidade particular é preciso muito dinheiro, para fazer-se aluno da E.D. você só precisa de vontade - a moeda corrente desse maravilhoso educandário.

c) *Promoção*. Se temos um produto de excelência, se o preço deste é o melhor que se pode ter: gratuito, por que muitas pessoas deixam de freqüentar a Escola Dominical? O problema acha-se justamente na promoção. Infelizmente, vimos falhando em promover este tão sublimado produto.

d) *O que é a promoção*. É o esforço concentrado de se fazer um produto conhecido de seus clientes em potencial.

Tornemos a Escola Dominical conhecida e acessível a todos os seus clientes em potencial -crentes e não crentes. Todos podem fazer parte dessa maravilhosa escola. Ela não é apenas uma agência educadora; é também uma eficiente ganhadora de almas.

e) *Como promover a Escola Dominical*. Afirmou o grande publicitário francês Pierre Gérard:

- Com um bom marketing atinge-se correntemente previsões com uma margem de erro de 5%, o que elimina já a maioria das causas de insucesso".

Se você promover com eficiência a Escola Dominical, achar-se-á esta, automaticamente, predestinada a dar certo. Como medidas práticas de promoção, sugerimos:

- Fazer anúncios da Escola Dominical em todos os cultos da igreja.
- Falar da E.D. àqueles que ainda não a freqüentam.

- Enviar convites aos não-crentes a fim de que façam parte da Escola Dominical.
- Anunciar a Escola Dominical através do rádio, televisão, jornal etc.
- Elaborar cartazes e murais da Escola Dominical, colocando-os nos lugares mais estratégicos da igreja e, se possível, do bairro.
- Levar a Escola Dominical a estar sempre presente em todos os eventos da igreja. Todos precisam se aperceber do dinamismo da E.D.
- Visitar os alunos que, por um motivo qualquer, deixaram de freqüentar a Escola Dominical.
- Mostrar ao pastor da igreja e ao ministério, as realizações da E.D. Precisam estes saber que a finalidade precípua da Escola Dominical é justamente auxiliar a igreja. Promovendo a Escola Dominical, estará você implementando a expansão do Reino de Deus.

VIII. DESENVOLVER A ESPIRITUALIDADE DOS ALUNOS E PROFESSORES

Se o objetivo da Escola Dominical é evangelizar enquanto ensina, conclui-se: sua finalidade é promover o bem-estar espiritual de quantos a freqüentam, sejam estes professores ou alunos. Logo, é dever do superintendente envidar todos os esforços, a fim de que professores e alunos cresçam espiritualmente.

Eis algumas sugestões, posto que simples, bastante práticas e úteis:

1. Comece todas as reuniões com oração. Trinta minutos de oração, antes da Escola Dominical, é um tempo razoável, e não trará transtorno a ninguém. Aliás, evitará desarranjos e indisposições; quebrará as correntes do adversário.

A oração fará com que o superintendente, professores e alunos preparem-se para ministrar e receber a Palavra de Deus.

2. Visite os alunos faltosos. Ainda que a sua Escola Dominical possua dez mil alunos, não subestime os indivíduos. Vá atrás dos faltosos; visite os enfermos; socorra os necessitados; anime os fracos. A Escola Dominical existe por causa deles, e não eles por causa da Escola Dominical.

Adaptaremos aqui um axioma muito utilizado pelos especialistas em marketing:

"O superintendente que contempla a sua Escola Dominical com orgulho é vítima de uma trágica miragem. Sua verdadeira riqueza é a clientela que possui, a quem deve humildemente servir, porque sem ela o mobiliário e o material didático não passam de monturo para ser vendido no antiquário".

3. Leve seus alunos a ler a Bíblia. Promova a leitura da Bíblia na Escola Dominical. Como seria maravilhoso se todos os alunos e professores lessem a Palavra de Deus pelo menos uma vez por ano!

Faça uma campanha de leitura da Bíblia. No final do ano, premie aqueles que cumprirem a tarefa. Dê um diploma aos que a leram uma vez no ano. Quanto àqueles que a leram duas ou mais vezes, merecem um prêmio especial. Leve este propósito adiante; é através da leitura da Palavra de Deus que haveremos de experimentar um grande avivamento.

4. Saiba como escolher os professores. Devem estes ser espirituais e primar pela ortodoxia doutrinária. Se algum professor não tiver tais requisitos, não poderá assumir tal responsabilidade. Que se prepare melhor. Recomendo uma prova para admissão de professores. Se para o magistério secular exige-se preparo, competência, vocação e experiência, por que não se exige o mesmo daqueles que pretendem ensinar a Palavra de Deus?

Por conseguinte, sempre que alguém for procurado para lecionar numa classe de Escola Dominical, ou apresentar-se como professor, passemos-lhe um teste. Averiguemos, outrossim, se ele tem ou não uma vida de íntima comunhão com o Senhor.

5. Prepare seus alunos a encontrar-se com o Senhor Jesus. Esta é a viva esperança da Igreja. Como estamos nos últimos dias, devemos todos preparar-nos para este maravilhoso evento.

Seus alunos e professores estão aguardando o Rei? Você o está aguardando?

Não se esqueça: o objetivo da Escola Dominical não é preparar intelectuais nem teólogos. Seu objetivo primeiro é equipar os santos; é uma oficina de homens, mulheres, jovens e crianças piedosos. Por isso, promova sempre a espiritualidade de seus alunos e professores. Doutra forma, para que serviria a Escola Dominical?

CONCLUSÃO

Cumpra os seus deveres como superintendente de Escola Dominical. Faça com que esta seja realmente o departamento mais

importante da Igreja. Mas, acima de tudo, não deixe de exaltar o Senhor Jesus. Deve Ele ser louvado e magnificado continuamente. Ele é a razão de nossa vida. Sem Ele nada podemos fazer.

QUESTIONÁRIO

1. Por que deve o superintendente ser pontual?
2. Por que é importante conhecer a realidade de nossa Escola Dominical?
3. De que forma podemos zelar pelo andamento da Escola Dominical?
4. O que significa manter a disciplina?
5. Como promover o clima de fraternidade entre os professores e alunos da Escola Dominical?
6. Como deve o superintendente providenciar os recursos de que carece a Escola Dominical?
7. De que forma podemos promover a Escola Dominical?
8. Que meios podemos utilizar para promover a Escola Dominical?
9. Como promover a espiritualidade da Escola Dominical?
10. Por que existe a Escola Dominical?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Leia o Salmo 119 em espírito de oração.
2. Faça uma redação de 45 linhas acerca deste tema: A responsabilidade espiritual de um superintendente de E.D.
3. Em profunda devoção, responda as seguintes perguntas:
 - Tenho eu sido um bom superintendente?
 - Busco eu preocupar-me com os meus professores e alunos?
 - Quanto tempo disponho para orar por aqueles que Deus colocou sob a minha responsabilidade?
4. Em seguida, ore ao Senhor Jesus apresentando todas as suas falhas; busque a perfeição aos pés do Salvador. Aquele que, em nós, começou a boa obra, continuará a aperfeiçoá-la até o dia de sua maravilhosa vinda.

Responsabilidades Eclesiásticas do Superintendente

INTRODUÇÃO

Por ser o departamento mais importante da igreja, demanda a Escola Dominical grandes responsabilidades e deveres de seu superintendente. Vim a comprová-lo ao assumir a direção da E.D. da Assembléia de Deus do Ministério de Boa Esperança no Rio de Janeiro.

O exercício do cargo levava-me, regularmente, a prestar contas junto ao meu pastor, à igreja, aos alunos e professores e, principalmente, diante de Deus. Educação é algo muito sério; exige compromissos, requer obrigações e reivindica o cumprimento de deveres.

Se minhas responsabilidades eram grandes, as recompensas espirituais não eram pequenas. Igual testemunho ouviríamos de cada superintendente de Escola Dominical que, espalhados pelos longes de nossa pátria, cumprem a peregrina missão de educar o povo de Deus.

I. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO SEU PASTOR

É o superintendente da Escola Dominical o especialista em Educação Cristã de que dispõe o pastor da igreja. Numa linguagem moderna, diríamos tratar-se de um secretário da educação. Se nos voltarmos ao Novo Testamento, vê-lo-emos como um dos responsáveis por cumprir a Grande Comissão que nos entregou o Senhor Jesus.

Em virtude da natureza de seu cargo, deve o superintendente estar sempre preparado a fim de apresentar sugestões, alternativas, planos e um completo programa educativo à sua igreja. Exige-se que se porte como um especialista na área. De sua atuação dependerá a formação de obreiros e a realização de prodigiosas colheitas de almas.

No exercício do cargo, jamais deixe de fornecer as informações de que carece o seu pastor. Assessor-o; leve-o a estar sempre bem inteirado quanto aos avanços e necessidades educacionais da igreja.

II. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO MINISTÉRIO

Tem você, como superintendente da Escola Dominical, uma grande responsabilidade diante do ministério de sua igreja. Mantenha os pastores, presbíteros e diáconos bem informados quanto às atividades educativas da igreja. Não se isole, nem queira subestimá-los. Você precisa do apoio de todos os obreiros; que nenhum destes venha a antipatizar-se com a Escola Dominical por sua causa.

Diante dos obreiros, atue como um eficiente homem de marketing: promova a Escola Dominical. Deixe bem claro a todos ser a E.D. um dos mais excelentes produtos que a sua igreja pode oferecer tanto aos seus membros quanto aos que a ela ainda não se filiaram formalmente.

Se você já é consagrado ao ministério, participe de suas reuniões. Intei-re-se dos assuntos tratados. Com humildade, e sempre reconhecendo o seu lugar, opine, sugira, ofereça subsídios. Seja amigo de todos; de cada um em particular, um cooperador sempre querido. Não se ausente. Cultive aquele companheirismo tão próprio dos cristãos primitivos. Esteja atento às orientações de seu pastor.

Agindo assim, você se surpreenderá com os êxitos a serem obtidos. Isolado, ninguém poderá crescer; em equipe, todo avanço é possível, principalmente de um departamento tão importante como a Escola Dominical.

III. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO À HISTÓRIA E À DOCTRINA DE SUA IGREJA

Os deveres do superintendente da Escola Dominical não se limitam à igreja local. Obreiro afeito à educação e à cultura, tem ele responsabilidades várias quanto à sua denominação. Esteja, pois, em perfeita consonância com a identidade doutrinária, cultural e jurídica de sua igreja. Semelhantes reclamos exigem não apenas assentimento intelectual, mas principalmente convicção vocacional.

1. O conhecimento da história e da cultura de sua igreja. Se o superintendente não ligar importância ao passado de sua igreja, como se haverá diante do presente e do futuro desta?

Leia a biografia de seus fundadores. Você sabe como tudo começou? Quais as dificuldades iniciais de sua igreja? Quem foram os seus protomártires? Já ouviu falar em seus principais teólogos? E quem trouxe a Escola Dominical para o Brasil, você sabe?

A história do pentecostalismo, por exemplo, é mui emocionante. Como explicar um movimento que, de inexpressivo, tornou-se no maior avivamento espiritual destes últimos séculos? Somente uma igreja na plenitude do Espírito Santo haveria de avançar tanto. E você faz parte desta igreja; conheça a sua história. O superintendente que não conhece a história de sua igreja está fadado a viver uma melancólica defasagem. Para que tal não aconteça, comecemos a conhecer nossa igreja por seu credo.

2. O conhecimento do credo. O credo é uma profissão de fé, onde se encerram os principais artigos doutrinários de uma igreja. Tem ele como base e fundamento a Bíblia Sagrada - a infalível Palavra de Deus.

Tendo em vista a importância de nosso credo, deve o superintendente da Escola Dominical tê-lo sempre em mente. É imperativo conheça ele os pontos centrais de sua fé e as colunas de sua doutrina. Como seria vergonhoso se você não soubesse expor as linhas mestras de sua crença!

A fim de nos familiarizarmos com os pontos centrais da fé pentecostal, transcrevemos, aqui, o Credo das Assembléias de Deus no Brasil:

- *Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29.*
- *Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão, 2 Tm 3-14-17.*
- *Na concepção virginal defesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus, Is 7.14; Rm 8.34; At 1.9.*
- *Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que o pode restaurar a Deus, Rm 3-23; At 3. 19.*
- *Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do remo dos céus, Jo 3-3-8.*

• *No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor, At 10.43; Rm 10.13; 3-24-26; Hb 7.25; 5.9.*

• *No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo, Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12.*

• *Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo, Hb 9.14; 1 Pe 1.15,16.*

• *No batismo bíblico com o Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade, At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7.*

• *Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade, 1 Co 12.1-12.*

• *Na segunda vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da grande tributação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos, 1 Ts 4.16,17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14.*

• *Que todos os cristãos comparecerão ante o tribunal de Cristo, para receber a recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra, 2 Co 5.10.*

• *No juízo vindouro que justificará os fiéis e condenará os infiéis, Ap 20.11-15.*

• *E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis, Mt 25.46".*

3. O conhecimento da doutrina. Para que você se inteire com mais largueza das doutrinas pentecostais, transcreveremos a Declaração de Verdades Fundamentais aprovada pelo Concílio Geral das Assembléias de Deus nos Estados Unidos em sete de outubro de 1916, e que conta com o total apoio das Assembléias de Deus no Brasil.

1. AS ESCRITURAS INSPIRADAS

A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. Sendo a revelação de Deus ao homem, constitui-se ela na infalível regra de fé e conduta. É superior à consciência e à razão, mas não lhes é contrária (2 Tm 3.15; 1 Pe 2.2).

2. O DEUS ÚNICO E VERDADEIRO

O Deus Único e Verdadeiro revelou-se como o eternamente, auto-existente e auto-revelado "Eu Sou". Revelou-se ainda como aquele que incorpora os princípios de relação e associação como Pai, Filho e Espírito Santo (Dt 6.4; Mc 12.29; Is 43.10,11; Mt 28.19).

3. O HOMEM, SUA QUEDA E REDENÇÃO

O homem foi criado bom e reto; pois Deus mesmo disse: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança". Mas o homem, por transgressão voluntária, caiu, e agora sua única esperança de redenção está em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Gn 1.26-31; 3.1-7; Rm 5.12-21).

4. A SALVAÇÃO DO HOMEM

(a) Condições da Salvação

A graça de Deus, que traz salvação a todos os homens, vem através da pregação do arrependimento para com Deus e da fé para com o Senhor Jesus Cristo. O homem, pois, é salvo mediante a lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, derramado sobre ele ricamente através de Jesus Cristo, nosso Salvador. E, tendo sido justificado pela graça, através da fé, torna-se ele herdeiro de Deus de acordo com a esperança da vida eterna (Rm 10.13-15; Lc 24.47; Tt 2.11; 3.5-7).

(b) Evidências da Salvação

Para o crente, a evidência interior da salvação é o testemunho direto do Espírito (Rm 8.16).

A evidência exterior constitui-se numa vida de retidão e verdadeira santidade (Lc 1.73-75; Tt 2.12-14), na presença do fruto do Espírito (Gl 5.22) e no amor fraternal (Jo 13-35; Hb 13.1; 1 Jo 3.14).

5. A PROMESSA DO PAI

Todos os filhos de Deus têm o direito, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo no Espírito Santo e no fogo, de acordo com o mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta experiência era comum a todos os crentes na Igreja Primitiva. Com o batismo no Espírito, vem a dotação de poder para a vida e o serviço, a distribuição dos dons espirituais e seu uso no trabalho ministerial (Lc 24.49; At 4,8; 1 Co 12.1-31).

6. A PLENA CONSUMAÇÃO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

A evidência inicial e física do batismo no Espírito Santo e no fogo é o falar noutras línguas, conforme o Espírito de Deus conceder

(At 2.4). Esta maravilhosa experiência é distinta e subsequente a do novo nascimento (At 10.44-46; 11.14-16; 15.8,9).

7. INTEIRA SANTIFICAÇÃO, O ALVO DE TODOS OS CRENTES

As Escrituras exortam-nos a uma vida de santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor. Pelo poder do Espírito Santo, somos capazes de obedecer ao mandamento que diz: "Sede santos, porque eu sou santo". A inteira santificação é a vontade de Deus para todos os crentes, e deve ser ansiosamente buscada para que andemos em obediência à Palavra de Deus (Hb 12.14; 1 Pe 1.15,16; 1 Ts 5.23,24; 1 Jo 2.6).

8. A IGREJA É UM ORGANISMO VIVO

A Igreja é um organismo vivo; é um corpo vivo. Ela é o corpo de Cristo; a habitação de Deus por meio do Espírito. Sua tarefa primordial é cumprir a Grande Comissão. Cada assembleia local é parte integral da Assembleia Geral e Igreja dos primogênitos inscrita nos Céus (Ef 1.22,23; 2.22; Hb 12.23).

9. O MINISTÉRIO E O EVANGELISMO

Um ministério divinamente chamado e biblicamente ordenado, tendo em vista a evangelização do mundo, é o mandamento do Senhor, bem como a principal preocupação da Igreja (Mc 16.15-20; Ef 4.11-13).

10. A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor, que consiste na distribuição do pão e do vinho, significa que já compartilhamos da natureza divina de Nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.4). É um memorial de seus sofrimentos e de sua morte (1 Co 11.26), e uma profecia de sua segunda vinda (1 Co 11.26). A Ceia do Senhor foi ordenada a todos os crentes "até que ele venha".

11. BATISMO EM ÁGUA

A ordenança do batismo, simbolizando o sepultamento de Cristo, deve ser observada, conforme recomenda as Escrituras, por todos quantos se arrependem de seus pecados e aceitam a Cristo como o seu Salvador e Senhor. No batismo, tem o novo crente o corpo lavado em água pura como símbolo da purificação efetuada em seu interior pelo sangue de Cristo. Dessa maneira, ele declara ao mundo que morreu com Cristo e também com Ele ressuscitou, para andar em novidade de vida (Mt 28.19; At 10.47,48; Rm 6.4; At 20.21; Hb 10.22).

12. CURA DIVINA

O livramento das enfermidades é provido na expiação de Cristo, e é privilégio de todos os crentes (Is 53-4,5; Mt 8.16,17).

13. OS PONTOS ESSENCIAIS DA DEIDADE

(a) Termos Explicados

Os termos "trindade" e "pessoas", no tocante à deidade, apesar de não serem encontrados nas Escrituras, são usados em harmonia com as Escrituras, mediante as quais podemos reafirmar e transmitir nossa compreensão imediata sobre a doutrina de Cristo em relação a Deus, em distinção aos "muitos deuses e muitos senhores". Portanto, podemos falar com propriedade de nosso Deus, o qual é o Senhor, como uma Trindade e como um Ser que subsiste em três pessoas, e, ainda assim, sermos absolutamente bíblicos (Mt 2.6; 8.16,17; At 15.15-18).

(b) Distinções e Relações Dentro da Deidade

Cristo ensinou a distinção entre as Pessoas na deidade, expressada por Ele em termos específicos de relações como Pai, Filho e Espírito Santo; e também ensinou que essa distinção e relação, quanto à sua existência, é um fato eterno, mas quanto a seu modo de ser é inescrutável e incompreensível, por não poder ser explicado (noutras palavras: não se explica como pode haver três Pessoas dentro da deidade, Lc 1.35; 1 Co 1.24; Mt 11.25-27; 28.19; 2 Co 13-14; 1 Jo 1.3,4).

(c) Unidade do Único Ser do Pai, Filho e Espírito Santo

De acordo com o exposto, há algo no Pai que o faz ser o Pai, e não o Filho; e há algo no Filho que o faz ser o Filho, e não o Pai; e há algo no Espírito Santo que o faz ser o Espírito Santo, e não o Pai ou o Filho. Assim sendo, o Pai é o Gerador; o Filho é o gerado; e o Espírito Santo é o que procede do Pai e do Filho. Como os três são pessoas eternamente distintas e relacionadas dentro da deidade, acham-se em estado de unidade: há um único Senhor Deus Todo-Poderoso, e Seu nome é um só (Jo 1.18; 15.26; 17.11,21; Zc 14.9).

(d) Identidade e Cooperação na Deidade

O Pai, o Filho e o Espírito Santo nunca são idênticos quanto à pessoa; nem podem ser confundidos em suas relações; e nem ser divididos no tocante à deidade; e nem ainda estar em oposição quanto à cooperação. Quanto à relação, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho. O Pai não é o Filho, mas o Filho vem do Pai, quanto à autoridade. O Espírito Santo vem do Pai e procede do Filho quanto à natureza, à relação, à cooperação e à autoridade. Portanto,

nenhuma pessoa na deidade existe ou opera de forma separada ou independente das outras (Jo 5.17-30).

(e) O Título, Senhor Jesus Cristo

O apelativo "Senhor Jesus Cristo" é um nome próprio. Nunca é aplicado, no Novo Testamento, ao Pai ou ao Espírito Santo. Portanto, pertence exclusivamente ao Filho de Deus (Rm 1.1-3,7; 2 Jo 3).

(f) O Senhor Jesus Cristo, Deus Conosco

O Senhor Jesus Cristo, quanto à Sua natureza divina e eterna, é o único Filho gerado do Pai; mas, quanto à sua natureza humana, é o próprio Filho do Homem. Portanto, Ele é reconhecido como Deus e homem; o qual, por ser Deus e homem é o "Emanuel", o Deus conosco (Mt 1.23; 1 Jo 4.2,10,14; Ap 1.13-17).

(g) O Título, Filho de Deus

Visto que o nome "Emanuel" abarca tanto a Deus quanto ao homem, numa única pessoa — nosso Senhor Jesus Cristo segue-se que o título "Filho de Deus" descreve sua deidade, ao passo que "Filho do Homem" descreve sua humanidade. Portanto, o título "Filho de Deus" pertence à ordem da eternidade, ao passo que o título "Filho do Homem" pertence à ordem temporal (Mt 1.23; 1 Jo 3.3; 2 Jo 3; Hb 7.3; 1.1-13).

(h) Desvios da Doutrina de Cristo

Por conseguinte, constitui-se num desvio à doutrina de Cristo afirmar que Jesus Cristo derivou-se do título "Filho de Deus", ou de sua encarnação, ou ainda de seu relacionamento com o plano de redenção da humanidade. Logo, negar que o Pai seja real e eterno, e que o Filho seja real e eterno, equivale a anular a distinção e a relação no ser de Deus. Ou seja: a negação do Pai e do Filho, ignorando ao mesmo tempo o fato de Cristo ter vindo a este mundo em carne (2 Jo 9; Jo 1.1,2,14,18,29,49; 8.57,58; 1 Jo 2.22,23; 4.1-5; Hb 12.3,4).

(i) Exaltação de Jesus Cristo como o Senhor

O Filho de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, tendo por si mesmo expurgado os nossos pecados, sentou-se à mão direita da Majestade, nas alturas; e, agora, anjos e principados e poderes lhe estão sujeitos. E, tendo sido feito tanto Senhor como Cristo, enviou o Espírito Santo para que nós, em seu nome, dobremos os joelhos e confessemos que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai, até que, na consumação de todas as coisas, o Filho tiver se sujeitado

ao Pai para que o Pai seja tudo em todos (Hb 1.3; 1 Pe 3-22; At 2.32-36; Rm 14.11; 1 Co 15.24-28).

(j) Honra igual ao Pai e ao Filho

Visto que o Pai entregou todo o julgamento ao Filho, constituímos indizível alegria, no Espírito Santo, atribuir ao Filho todos os atributos da deidade, e tributar-lhe toda a honra e toda a glória contidas em todos os nomes e títulos da deidade, excetuando os que expressam relações e servem para identificar o Pai e o Espírito Santo ver os parágrafos b, c e d). E, assim, honraremos o Filho tanto quanto honramos o Pai (Jo 5.22,23; 1 Pe 1.8; Ap 5.6-14; Fp 2,9,8; Ap 7,9,10; 4.8-11).

14. A BENDITA ESPERANÇA

A ressurreição dos que dormiram em Cristo, e o arrebatamento dos crentes que estiverem vivos; enfim: a trasladação da verdadeira Igreja, constitui-se na bendita esperança de todos os crentes (1 Ts 4.16,17; Rm 8.23 e Tt 2.13).

15. A VINDA IMINENTE E O REINO MILE-NIAI DE JESUS

A vinda pré-milenial e iminente do Senhor Jesus para recolher o seu povo a si mesmo, e julgar o mundo em retidão, bem como reinar sobre a terra por mil anos, é a expectativa da verdadeira Igreja de Cristo.

16. O LAGO DO FOGO

O diabo e seus anjos, a besta e o Falso Profeta, e todo aquele cujo nome não for achado no Livro da Vida, bem como os tímidos e os incrédulos, os abomináveis, os assassinos, os adúlteros e fornicários, os feiticeiros, os idolatras e todos os que praticam e amam a mentira, serão lançados no lago que arde com fogo e enxofre. Esta é a segunda morte.

17. OS NOVOS CÉUS E A NOVA TERRA

Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça (2 Pe 3-13; Ap 21 e 22).

CONCLUSÃO

Roguemos ao Senhor da Seara venha ungir cada superintendente de Escola Dominical, a fim de que jamais descuremos de nossas obrigações eclesiásticas.

Se você não souber como funciona a sua igreja, se ignorar os seus estatutos, se desconhecer a sua orientação administrativa, se não se inteirar de suas implicações jurídicas, se não tiver suficientes

argumentos para defender a doutrina e justificar a visão cultural de sua denominação, o seu trabalho será mui deficitário. E um assessor de educação não pode ignorar tais coisas. Além do mais, você foi separado para auxiliar o seu pastor a levar avante os projetos educativos da igreja.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as responsabilidades do superintendente de Escola Dominical em relação ao seu pastor?

2. Por que o superintendente pode ser considerado o secretário de educação de sua igreja?

3. Como o superintendente deve ver os seus companheiros de ministério?

4. Que responsabilidades tem o superintendente de Escola Dominical em relação ao Credo de sua igreja?

5. Cite, pelo menos, quatro artigos de seu Credo. Quais as principais verdades pentecostais?

De acordo com o nosso Credo, de que forma devemos considerar a Bíblia?

8. O que é a Santíssima Trindade?

9. O que significa a salvação pela fé?

10. Você é um crente convicto?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Estude de maneira devocional o credo que neste capítulo apresentamos.

2. Com toda a sinceridade, responda a esta pergunta: Tenho eu sido um assessor eficaz para o meu pastor?

3. Prepare, neste dia, pelo menos 15 minutos para orar pelo seu pastor e pelos projetos educativos de sua igreja.

O Superintendente como Técnico em Educação Cristã

INTRODUÇÃO

Dos homens que ouvi quando jovem, recordo-me com especial prazer de um velho e cultíssimo professor. Eu o ouvi apenas uma vez; mas foi o suficiente para encantar-me com as suas palavras. Que conferencista! Que tribuno magistral! Suas palavras fluíam azeitadas por um perfeito domínio pedagógico.

O nome daquele tribuno ainda me recordo: Sólon Borges dos Reis. Não sei se ainda vive. De qualquer maneira, aquelas suas palavras não morreram dentro de mim.

Hoje, depois de dirigir várias escolas dominiais fico a imaginar como seria bom se todos os superintendentes fossem especializados na área pedagógica como o professor Sólon. Não seria maravilhoso para o Reino de Deus?! Bastariam poucos anos, e milhões de brasileiros estariam a freqüentar a Escola Dominical.

Neste capítulo, mostraremos a importância de o superintendente especializar-se em educação. Afinal, estará ele a lidar com professores, pedagogos e mestres. Através da pedagogia, o superintendente tem a sublime missão de promover, de forma eficiente, a Palavra de Deus.

I. O QUE É UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ

O técnico em Educação Cristã é o obreiro que, sentindo-se vocacionado para o ensino, busca preparar-se de maneira específica e especializada a fim de divulgar, relevante e didaticamente, a Palavra de Deus.

1. Preparo específico. Chamamos de preparo específico em Educação Cristã um treinamento que prime pela excelência, e se volte relevantemente a essa área. No Brasil, poucos são os seminários e institutos bíblicos que ministram o curso de Educação Cristã. Creio, porém, haver chegado o momento de os nossos educadores olharem com mais carinho as carências educacionais de

nossas igrejas, e elaborarem um curso de Educação Cristã que contemple nossas realidades, visão cultural e vocações específicas.

É claro que este preparo específico deve ser precedido por um curso teológico; o superintendente de Escola Dominical tem de ser, antes de mais nada, um consumado mestre na Palavra de Deus.

2. Preparo especializado. O preparo especializado está contido no preparo específico. Como o superintendente estará dirigindo uma escola, nada mais lógico que se especialize em Escola Dominical. De nada lhe adianta ter um cabal conhecimento em Educação Cristã se desconhecer a origem, a natureza, o funcionamento e a estrutura da Escola Dominical.

Você não precisa saber tudo sobre a Escola Dominical, mas tem de conhecê-la bem. Via de regra, quem sabe tudo, tudo sabe sem profundidade. Mas quem conhece bem, conhece especializada e especificamente.

O técnico em Educação Cristã, por conseguinte, é o obreiro especializado que tem por tarefa supervisionar o ensino relevante da Palavra de Deus, visando o cumprimento pleno da Grande Comissão que confiou o Senhor Jesus à sua Igreja.

II. OS REQUISITOS BÁSICOS DE UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ

Além da experiência cristã, que deve ser comum a todos os obreiros, o técnico em Educação Cristã tem de possuir os seguintes requisitos:

1. Amor ao ensino. Sem o amor ao ensino, como terá ele o suficiente estímulo para levar adiante o projeto educacional de sua igreja? Howard Hendricks afirmou ser o amor a lei fundamental do ensino. Sem o amor, acrescenta, todas as outras leis perdem a sua validade.

Você ama o ensino? Ou age de forma meramente profissional? Lembre-se: a excelência de seu ministério reside justamente no amor que você santifica a Deus, à sua Igreja e à Escola Dominical.

2. Dedicção ao ensino. Certa vez um diretor de escola foi obrigado a chamar a atenção de um de seus professores, por haver este perdido toda a perspectiva de sua vocação. Exaltado, replicou o professor: "Não admito que me chamem a atenção, pois já tenho 20 anos de experiência". Em sua sabedoria, respondeu-lhe o diretor: "O senhor não tem 20 anos de experiência, mas um ano de experiência repetido vinte vezes".

Infelizmente, é o que vem ocorrendo com não poucos professores e superintendentes de Escola Dominical. Sua experiência já caiu num círculo tão vicioso que se repete periodicamente; jamais se renova.

O que falta a tais mestres? Esmero, dedicação ao ensino. A recomendação é de Paulo: "De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é ensinar, haja dedicação ao ensino" (Rm 12.6,7).

Dedicar-se ao ensino implica não apenas em ministrar com eficiência, mas renovar-se para educar com eficácia. O bom superintendente contenta-se em ser eficiente; mas o que persegue a excelência, mostra-se cada vez mais eficaz. Isso requer uma reciclagem contínua e um aperfeiçoamento diário.

III. O QUE FAZ UM TÉCNICO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ

Já que o superintendente de Escola Dominical é um técnico de ensino, precisamos saber quais as suas principais funções. Além das obrigações inerentes ao cargo, tem ele, como pedagogo, a missão de:

1. Educar com relevância. Deve o superintendente conscientizar-se de que a sua primordial missão é educar o povo de Deus. Ou seja: através das Sagradas Escrituras, levar os santos a serem mais santos e os que ainda não receberam a Cristo a fazê-lo com urgência. Agindo assim, estará cumprindo a função essencial da educação que é modificar comportamentos, objetivando conduzir a criatura a se parecer com o Criador.

2. Reciclar os educadores. Sendo você um técnico em educação, não se esqueça de que suas obrigações não se acham circunscritas aos alunos. É também sua tarefa cuidar da reciclagem dos professores. Não permita que estes, por se acharem envolvidos com o cotidiano da matéria, venham a menosprezar a importância da atualização pedagógica.

Você pode reciclar seus professores de duas "formas: 1) ministrando-lhes cursos periódicos na própria igreja; e 2) subsidiando-os a fim de que possam freqüentar cursos especializados. A Casa Publicadora das Assembléias de Deus, por exemplo, vem ministrando com sucesso o CAPED -Curso de Aperfeiçoamento de Professores da Escola Dominical. Desde o seu início, este curso já formou e reciclou professores por todo o Brasil.

Lembre-se: investir na reciclagem dos professores é garantir uma Escola Dominical com qualidade total.

3 · Supervisionar a qualidade do ensino. Os seus professores ensinam com qualidade? Ou estão se repetindo diante da classe? Preparam devidamente a lição, ou já se acostumaram aos improvisos?

Que os seus professores não se contentem com o preparo já conseguido. Incentive-os a ler, a estudar, a pesquisar, a descobrir novas metodologias, a se tornarem especialistas não apenas no currículo e na aula a ser ministrada, como também na pedagogia e na didática.

4. Lutar por fazer da Escola Dominical um educandário de qualidade total. Não se contente com os resultados já obtidos por sua Escola Dominical. Se bem conduzida, pode esta lograr resultados cada vez melhores até alcançar plena qualidade. Se você não ligar importância à sua Escola Dominical irá esta minguando até cair numa insuportável rotina.

Qualidade total é a sua meta. Não aceite menos que isso. Afinal, está você dirigindo um departamento que, se levarmos em conta o período bíblico, tem mais de quatro mil anos de existência.

IV. O SUPERINTENDENTE COMO ASSESSOR EM EDUCAÇÃO CRISTÃ DE SUA IGREJA

Uma vez chamado para ser superintendente de Escola Dominical, inteire-se de sua missão. É você também o assessor de educação de seu pastor. Dê-lhe, pois, a necessária assessoria nesse campo. Ele precisa tanto de você quanto necessita do tesoureiro ou do vice-presidente da Igreja. Você faz parte de sua equipe.

Mantenha-o devidamente informado com respeito aos problemas, metas e progressos da Escola Dominical. Você não foi chamado para ser concorrente nem opositor do anjo da igreja. Portese como seu auxiliar; aja como seu adjunto.

V. JESUS COMO O TÉCNICO DE ENSINO POR EXCELÊNCIA

Por que o Senhor Jesus é conhecido como o Mestre dos mestres? Até mesmo seus adversários mais ferrenhos, não lhe podem negar esta qualidade. Como mestre, veio Ele revolucionando não somente o ensino de seu tempo, como o de todas as épocas. De

repente, os mais ilustres rabinos de Israel vêm-se surpreendidos por um jovem que, apesar de não haver freqüentado qualquer universidade ou seminário, catalisa a atenção de todo um povo.

Era o Senhor Jesus revolucionário não somente em suas palavras como, principalmente, em seus atos. Todos admiravam-se dEle, pois ensinava a todos como quem tem autoridade, e não como os escribas e fariseus (Mt 7.29).

Seus métodos eram os mais variados. Se como Demóstenes discursava à multidão, interrogava, como Sócrates, ao solitário Nicodemos. Se tinha o Templo como auditório, o campo era-lhe um perfeito anfiteatro. Se num instante de arrebatamento olhou para o alto, num momento de enlevo volve-se ao lírio do campo.

Ele falava por meio de parábolas. Usava a dicção profética. Lamentava-se à vista da impenitente Jerusalém. Salmodiava quando seus discípulos lhe pediam que os ensinasse a orar. Como professor era profeta, salmista e pregador. E cada ensino seu era confirmado por sinais e maravilhas.

É este maravilhoso professor que devemos imitar em nossa carreira magistral. Ele é o Mestre dos mestres.

CONCLUSÃO

Como já o demonstramos, um superintendente de Escola Dominical tem de ser, necessariamente, um técnico em educação. Pois estará lidando com a formação espiritual, moral e social do povo de Deus.

Se você foi chamado a exercer tão importante ofício, esmere-se em sua tarefa. E jamais se esqueça da missão educadora da Igreja de Cristo.

O Senhor Jesus foi o educador por excelência; seu ensino tinha qualidade total.

QUESTIONÁRIO

1. O que é um técnico em Educação Cristã?
2. Por que o superintendente de Escola Dominical tem de ser um obreiro especializado?
3. Quais os requisitos básicos do superintendente como técnico em Educação Cristã?
4. O que faz um técnico em Educação Cristã?

5. Por que o superintendente de Escola Dominical deve atuar como assessor de Educação Cristã de seu pastor?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

I. Leia o capítulo oito de Neemias?

2. Ore ao Senhor Jesus, pedindo-lhe que o ajude a esmerar-se na área do ensino.

3. Você tem aproveitado bem o seu tempo, aprimorando-se como técnico de ensino?

4. O que você acha do Senhor Jesus como técnico de ensino?

5. Faça uma redação tendo como base o seguinte tópico: O que posso fazer por minha igreja como técnico de ensino?

O Superintendente como Administrador da Escola Dominical

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, tenha uma filosofia administrativa." Foi o que me recomendou o pastor Waldir Neves ao confiar-me a superintendência da Escola Dominical da Assembléia de Deus no bairro carioca de Cordovil.

É a partir de uma filosofia administrativa racional e bem alicerçada, explicou-me ele, que a Obra de Deus começa a crescer e a alcançar plenamente seus objetivos.

O pastor Neves sabia o que estava dizendo; fôra ele um consumado administrador. Em suas mãos, a Obra de Deus progredia, expandia-se. Sempre trabalhou com alvos bem definidos. Muitos foram os seus discípulos. E acredito ter aprendido muito naqueles dois anos em que trabalhei ao seu lado.

I. O QUE É A ADMINISTRAÇÃO

Embora seja difícil concluir uma definição, não podemos ignorar sua realidade: do nascer ao pôr-do-sol outra coisa não fazemos senão administrar. Administramos nosso tempo, afazeres, finanças, sentimentos e devoções. Uns se saem maravilhosamente bem; outros enfrentam grandes dificuldades. Perdem uma hora ao levantar-se, e passam o dia todo a correr atrás dessa hora; quando a acham, deixam um dia todo escapar.

A diferença entre o êxito e o fracasso reside justamente na forma como administramos os bens que nos concedeu o bondoso Deus. A Escola Dominical acha-se entre os mais valiosos bens. Creio que, a este respeito, não paira nenhuma dúvida. Mas, de que forma a estamos administrando? Antes de respondermos a essa pergunta, vejamos o que é a administração.

1. Definição. A palavra administração vem do vocábulo latino *administratione*, e contempla, primariamente, o seguinte significado: gerir negócios públicos ou privados. Tecnicamente, podemos defini-la como o conjunto de princípios, normas e funções que tem por objetivo ordenar os diversos fatores de produção, controlando a sua produtividade e eficácia, visando obter os resultados predeterminados.

2. Objetivo da administração. A administração tem como primordial meta, realizar as coisas através de pessoas em qualquer tipo de organização. Leciona o professor José Carlos Faria: "Diríamos então que a administração é a condução racional das atividades de uma organização, cuidando do planejamento, da organização, da direção e do controle dessas atividades, com vistas a alcançar os objetivos estabelecidos".

3 · A abordagem clássica da administração. Apesar de ser uma ciência milenar, a administração, como hoje a conhecemos, começou a ser formulada a partir dos primeiros anos do século XX por dois engenheiros preocupados em buscar uma solução eficaz para os problemas que as indústrias da época enfrentavam:

a) *Frederick Winslow Taylor (1856-1915)*. Buscando aumentar a eficiência do setor industrial, este americano escreveu um livro que daria origem à administração clássica: **Administração Científica**.

b) *Henri Fayol (1841-1925)*. Este francês, inquieto com o acanhado desenvolvimento das empresas de seu país, propôs um modelo de administração que viria a revolucionar os princípios de gerenciamento até então conhecidos. Sua obra **Teoria Clássica** tornou-se de imediato uma referência obrigatória.

4. A administração na Escola Dominical. Se aplicada devidamente à Escola Dominical, a administração científica, como a temos estudado, levará este tão importante departamento da igreja a funcionar de maneira eficaz. E, assim, poderá a E.D. cumprir todos os seus objetivos.

Tanto a sua organização quanto a sua administração haverá de ser conduzida com energia e redobrado empenho. Vejamos, a seguir, as diferenças entre organização e administração.

II. DIFERENÇA ENTRE ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Se buscamos gerenciar com eficiência a Escola Dominical, é mister que saibamos a diferença entre organização e administração.

A maioria dos superintendentes limita-se a organizar a Escola Dominical, esquecendo-se de administrá-la como um todo.

De acordo com Henri Fayol, a administração é um todo e, deste todo, a organização é apenas uma parte. Cuida esta somente do estabelecimento, da estrutura e da forma, por isso estática e limitada.

Sendo assim, a organização é vista sob dois prismas distintos:

1. Organização formal: Tem como base a divisão do trabalho racional; sua essência é o planejamento.

2. Organização informal: Originando-se nos relacionamentos, tem como pontos fortes as amizades, interações e a formação de grupos.

Como você já deve ter percebido, sua missão, como superintendente da Escola Dominical, não é meramente organizá-la, mas administrá-la como um todo. A organização é apenas uma parte da administração.

III. AS FUNÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO

A administração científica consiste nas seguintes funções: prever, organizar, comandar, coordenar, controlar. Vejamos como cada uma dessas etapas pode ser aplicada à Escola Dominical.

1. Previsão. É a avaliação do que poderá acontecer a curto, a médio e a longo prazo. Isto significa que, antes de estabelecer as metas para a sua Escola Dominical, avalie o seu potencial e como este poderá ser desenvolvido durante o tempo em que você estiver atuando como administrador. Vamos dar um exemplo bastante simples. Não estabeleça a meta de ter cinco mil alunos na Escola Dominical, se a estrutura de sua Igreja comporta apenas 500.

Por mais difícil que seja planejar, não deixe de fazê-lo. Algumas empresas japonesas estão fazendo previsões para os próximos 500 anos.

2. Organização. Consiste em preparar e adequar todas as coisas - materiais, pessoais e sociais - a fim de que a E.D. funcione de forma adequada. Na administração da Escola Dominical, não se esqueça de sua parte organizacional. Que materiais você precisa? Que pessoal lhe é necessário para desenvolver o seu projeto? E quanto ao âmbito social de seu projeto, o que espera você alcançar?

3. Comando. Consiste em dirigir e liderar o pessoal. Na função de administrador, aja como verdadeiro líder. Não se limite a

comandar; oriente o seu staff de tal modo, que venha este a dar-lhe todo o suporte necessário.

4. Coordenação. Esta atividade tem como objetivo harmonizar todos os trabalhos, e de maneira tal, que venham estes a apresentar perfeita sincronia. Isto significa que, no âmbito da Escola Dominical, tudo tem de funcionar de maneira harmônica.

5. Controle. Nesta fase, estará o superintendente medindo e dimensionando os seus atos com a finalidade de verificar se as metas traçadas estão ou não sendo conquistadas. É a oportunidade que temos de localizar e corrigir as falhas e os erros.

IV. O QUE É O PLANEJAMENTO

Embora a administração científica fosse desconhecida na antigüidade, observamos que os profetas, reis e sacerdotes de Israel, sabiam como administrar e planejar as tarefas que lhes entregava o Senhor. O que dizer da construção do Tabernáculo? Como explicar a edificação do Santo Templo? Como entender a expansão imperial de Israel nos dias de Davi e Salomão? E a reconstrução de Jerusalém empreendida por Neemias?

Retrocedamos um pouco, e vejamos a história de José, primeiro-ministro do Egito. Que administrador jamais alcançou tanto êxito quanto esse escravo hebreu?

O que vemos, hoje, é fracasso sobre fracasso, derrota sobre derrota, erro sobre erro. Haja vista o que ocorre em nosso país. Por falta de planejamento, o desperdício é iníquo. Em um ano, a superprodução agrícola é jogada fora; no outro, falta os insumos básicos. E o que mais nos entristece é que muitos desses administradores estão sempre a caçoar das Sagradas Escrituras.

Por isso, ainda que venhamos a usar dos recursos da moderna administração, não podemos esquecer-nos das lições que encontramos nas Sagradas Escrituras. É através do Santo Livro que somos introduzidos nas dimensões de um planejamento bem sucedido.

1. O que é o planejamento. É um processo que implica na formulação de um elenco de ações a serem executadas a curto, a médio e a longo prazos. Conforme enfatiza o ilustre professor José Carlos Faria, "planejar é decidir, antecipadamente, o que fazer".

2. A importância do planejamento. O administrador que não tem por hábito planejar estará sempre ao capricho dos imprevistos e

acazos. E será obrigado a tomar decisões de última hora que acabarão por comprometer-lhe todo o trabalho.

3 · Porque devemos planejar. O livro de Provérbios exorta-nos a planejar todos os nossos empreendimentos. E o que o Senhor Jesus ensinou sobre a construção da torre (Lc 14.18), não é planejamento?

Em linhas gerais, devemos planeja/ para:

a) equilibrar as incertezas e as alterações que encontraremos ao longo da execução d? nossos projetos;

b) concentrar-nos em nossos objetivos e metas;

c) assegurar um funcionamento economicamente viável de nossos projetos.

O planejamento leva-nos a responder com segurança as seguintes perguntas: O que fazer? Como fazer? Quando fazer? Onde fazer? Que meios empregar para executar a obra?

CONCLUSÃO

Não é o propósito desta obra discorrer exaustivamente sobre a administração. Se você deseja aprofundar-se nesta matéria, busque os livros especializados ou faça um curso rápido sobre o assunto. Tenho certeza de que tanto você quanto seus alunos muito terão a ganhar. Mas não fique apenas no campo teórico.

Observe como seu pastor administra a igreja; jamais destoe de sua filosofia administrativa. Sempre que houver uma dúvida, consulte-o. Nossa aprendizagem não deve limitar-se aos livros; analise, pergunte, indague. Recorra, principalmente a ajuda de Deus. Assim como Ele ajudou a José, a Daniel e a seus três companheiros, ajudará também a você. Deus é o administrador por excelência.

QUESTIONÁRIO

1. O que é a administração?
2. Qual a diferença entre administração e organização?
3. Quais os dois principais teóricos da administração científica?
4. Quais as funções da administração?
5. O que é o planejamento?
6. Por que o superintendente deve atuar como administrador da Escola Dominical?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Escreva uma redação de 30 linhas sobre o seguinte tema: O superintendente como administrador da Escola Dominical.
2. Leia o livro de Neemias.
3. Disserte sobre a seguinte pergunta: O que tornou Neemias um administrador tão excelente?
4. Ore a Deus, confessando-lhe possíveis negligências quanto à administração da Escola Dominical.

O Superintendente como Guia Espiritual

INTRODUÇÃO

Todo superintendente de Escola Dominical é, na prática, um condutor de almas. Talvez, você não concorde plenamente comigo. Mas esta tem sido a minha experiência. Durante aquelas três horas em que nos consagramos a dirigir as classes e a orientar os professores, domingo após domingo, vêem-nos todos como um autêntico e provado guia espiritual.

Por isso, não deve o superintendente limitar-se às atividades administrativas da Escola Dominical. Suas obrigações são também pastorais. Os alunos precisam de visita? Você é presbítero. Os professores carecem de supervisão? Você é o mestre. Reivindicam os desalentados oração e ferventes intercessões? Você é sacerdote. Seu pastor precisa de auxílio? Você é o seu Josué.

Enfim, é você um dos auxiliares mais valiosos de que dispõe o seu pastor-presidente. Seja-lhe fiel; jamais o abandone. O seu trabalho tem, no Senhor, uma grande recompensa.

I. O QUE É UM GUIA ESPIRITUAL

Guia espiritual é o obreiro encarregado de ministrar os meios da graça ao povo de Deus. No Novo Testamento, recebe ele os seguintes títulos: pastor, presbítero e bispo. Se naquele tempo houvesse Escola Dominical, encontraríamos, hoje, nas páginas do Sagrado Livro, o registro de mais este título: superintendente. Não havia, na Primitiva Igreja, os obreiros encarregados do ensino? Em que diferiam eles de nossos superintendentes de Escola Dominical?

Se nos voltarmos aos originais, constataremos que a palavra bispo, em grego, significa superintendente. Era ele o homem que tinha por missão supervisionar, ou bispar, o povo santo. Em Portugal, segundo contou-me um particular amigo, bispar é um verbo bastante comum. Significa: observar atentamente, supervisionar.

Tendo em vista as atividades e atribuições do superintendente da Escola Dominical, é ele um autêntico guia de almas. Foi chamado para ministrar e promover a Palavra de Deus. Se não exercer plenamente essa tarefa, como haverá de dirigir, com êxito, esse tão imprescindível departamento da igreja?

II. OS DEVERES DO SUPERINTENDENTE COMO GUIA ESPIRITAL

No exercício da superintendência da Escola Dominical, várias são as nossas atribuições como guias espirituais. Atentemos a todas elas; são a razão de nosso ministério; sem elas, ainda que haja a parte teórica e contemplativa, a práxis desmerecerá todo o nosso labor.

1. Oração. Jamais descuremos de nossa vida devocional. Se antes tínhamos por obrigação orar apenas por nós próprios e por nossas famílias, doravante chama-nos o dever a interceder pelos alunos, professores, secretários e tesoureiros da Escola Dominical.

Deve o superintendente da Escola Dominical cultivar uma riquíssima e disciplinada vida de oração. Recomendo que você ore, pelo menos, 30 minutos todos os dias. Não se conforme com uma vida cristã esquelética, rotineira, pobre. Aprenda a manter-se aos pés do Senhor Jesus.

Em suas orações, mencione os alunos que estejam enfrentando crise; não se esqueça dos professores desalentados; não olvide daqueles auxiliares que estejam propensos a abandonar o posto. Rogue pelo seu pastor.

Verificará você, com o passar dos tempos, como o meigo Jesus estará respondendo cada uma de suas orações. Ande como o peregrino de John Bunyan: orando e chorando. Emocione-se aos pés do Cristo. Um intercessor apaixonado e sensível jamais ficará sem os sinais dos céus.

Certa vez um pastor americano quis saber qual o segredo do êxito da igreja coreana, e consternado, descobriu: Enquanto na Coreia um pastor ora, em média, 90 minutos por dia, nos Estados Unidos, um ministro do Evangelho não consegue ficar meia hora aos pés do Senhor. O tempo que você santifica à oração é suficiente para todas as demandas de seu ministério?

2. Visitação. Você já se deparou com algum besouro caído de costas tentando se virar? Ele só precisa de um toque para alçar vôo.

Assim os que se acham no crisol das provações; necessitam tão-somente de um toque para alçar jubilosos vôos às regiões celestiais em Cristo Jesus.

Visite os deprimidos e traumatizados. Quantas pessoas feridas não temos nós em nossas igrejas e congregações! Algumas acham-se desanimadas na fé. Outras já não suportam as lutas. Várias são as que se encontram aterrorizadas em consequência da violência urbana etc. Diversas são as que se sentem desprezadas. E os enfermos? Exerça a sua fé; ore por eles. Jesus continua a operar maravilhas entre os seus redimidos.

3 · Evangelização. A exortação de Paulo a Timóteo é bastante clara: "Faze a obra de um evangelista". Se descuidarmos dessa responsabilidade, jamais nos firmaremos como obreiros do Senhor. Pois, de acordo com o espírito do Novo Testamento, a evangelização não é apenas tarefa quem recebeu do Senhor o dom de evangelista; a evangelização é obrigação de todos os santos. Não é necessário ser evangelista para evangelizar; uma única coisa é indispensável: o amor às almas.

De qualquer forma, faça o trabalho de um Evangelista. Não se deixe esmorecer nessa iniciante tarefa. Mobilize a Escola Dominical a ganhar almas para Cristo; alunos e professores com de se sentir tocados pelas reivindicações da grande Comissão.

4. Aconselhamento. Ouça os seus alunos e Professores; dê-lhes a devida atenção. Através de uma palavra bíblica e espiritualmente temperada, poderá você restaurar preciosas vidas. A solução de Deus começa quando nos dispomos a sofrer com os que sofrem. Os casos mais difíceis, encaminhe-os ao seu pastor. Mas não deixe de agir como o conselheiro da Escola Dominical. O educador é, acima de tudo, um conselheiro. Não é este, aliás, um dos títulos do Mestre dos mestres?

III. O SUPERINTENDENTE COMO AUXILIAR DO PASTOR

Atuando como guia espiritual de sua E.D., estará você colocando-se como um dos mais importantes auxiliares de que poderá contar o seu pastor-presidente. E, para tanto, você não precisa ser um ministro formalmente ordenado nem fazer parte da diretoria da igreja. Só uma coisa lhe é necessária: amorosa disposição para fazer a Obra de Deus.

Não imite aqueles obreiros que só admitem lançar a mão ao arado se receberem da igreja uma credencial. Esta poderá vir ou não; não se preocupe com isso. O plano que o Senhor Jesus tem para com a sua vida cumprir-se-á no apazado tempo. Deixe isso por conta da economia divina. Afinal, você já é superintendente da Escola Dominical. Já atinou para a importância desse cargo? Cumpra o seu mandato. Evangelize, console, visite, interceda, glorifique a Deus; não cesse de declarar o seu amor a Cristo. Enriqueça a sua vida de oração.

Ganhe almas; cuide das almas.

CONCLUSÃO

Não são poucos os obreiros que se agastam a esperar por uma ordenação ministerial. Se não vem a imposição de mãos, cruzam os braços. E, se por acaso ela chega, continuam a fazer nada. O que é remisso no anonimato, torna-se negligente sob o holofote. Todavia, quem é fiel no pouco, no muito terá a sua fidelidade confirmada.

Este é o momento de você mostrar o quanto ama a Jesus. Entregue-se por Ele. Trabalhando, declare-lhe o seu amor.

QUESTIONÁRIO

1. O que é um guia espiritual?
2. Quais as suas principais obrigações?
3. Por que deve o superintendente orar pela Escola Dominical?
4. Em que ocasiões deve o superintendente visitar os seus alunos e professores?
5. Por que o superintendente, como guia espiritual, é um dos auxiliares mais preciosos de seu pastor?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Você tem se consagrado a Deus como guia espiritual de sua Escola Dominical?
2. Tem orado por seus alunos?
3. Tem visitado os professores e alunos?
4. Tem ajudado o seu pastor nesta tarefa?

O Superintendente como Filantropo

INTRODUÇÃO

Foi como superintendente da Escola Dominical da Assembléia de Deus em Bento Ribeiro, um simpático bairro da zona norte carioca, que vim a descobrir: a E. D. reúne condições mais do que suficientes para mobilizar todos os alunos e professores a fim de assistir aos mais necessitados.

Nessa ocasião, minha esposa sugeriu-me lançar uma campanha que, com o tempo, seria adotada por outras igrejas: o Momento de Dedicção. Trata-se de uma campanha simples e desburocratizada, mas tremendamente eficaz.

Todos os segundos domingos de cada mês, colocávamos uma mesa em frente ao púlpito, onde, em atitude de adoração e agradecimento, íamos depositar nossas oferendas. Com que alegria o fazíamos! Lográvamos, assim, graças ao bom Deus, suprir às carências de muitas de nossas famílias.

Geralmente, recolhíamos alimento para abastecer as despensas da Assistência Social; às vezes, porém, nossas campanhas eram mais específicas: agasalhos, no inverno; material escolar, no início das aulas; cestas natalinas para famílias carentes, em dezembro; cestas básicas para obreiros; dádivas para o campo missionário.

As irmãs da Assistência Social tinham-nos como parceiros; em momento algum procuramos agir de forma sectária. O que fazíamos naquela abençoada Escola Dominical era praticar a filantropia cristã. Uma ordenança de Cristo desprezada hoje por muitos cristãos.

I. O QUE É A FILANTROPIA CRISTÃ

A palavra filantropia vem de dois vocábulos gregos: *philia*, amor, e *antropos*, homem. Filantropia, pois, é o amor que demonstramos ao ser humano como o nosso próximo, posto ter sido este também criado à imagem e à semelhança de Deus.

A filantropia cristã, em virtude de seu arcabouço doutrinário, vai muito além desse conceito. Conhecida de maneira genérica como assistência social, é o amor que se consagra, em palavras e atos de

misericórdia, à comunidade dos fiéis, visando suprir as carências mais imediatas e básicas de seus membros. Ela faz com que todos os irmãos na fé tenham uns pelos outros um amor superior ao do Antigo Testamento. Aqui, eram os judeus exortados a amarem o próximo como a si mesmos (Lv 19.18). No Testamento novo, somos instados a amar-nos uns aos outros como Cristo nos tem amado: "O meu mandamento é este: "Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (Jo 15.12).

Em virtude de sua urgência, visa a filantropia cristã o atendimento prioritário dos fiéis: "Então, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.10). Isto não significa, porém, que vai a Igreja cerrar as mãos aos de fora. Pelo contrário: as maiores organizações filantrópicas do mundo são cristãs. Haja vista a Cruz Vermelha Internacional e o Exército de Salvação. E os hospitais, orfanatos e asilos estabelecidos pelos missionários em todos os continentes? Em países notoriamente contrários ao Cristianismo, ali estão as escolas e as instituições de caridade mantidas pelas missões cristãs.

O que o apóstolo Paulo recomenda, nessa passagem, é a ajuda prioritária aos domésticos da fé por serem estes os nossos próximos mais imediatos. Ora, se não ligarmos importância a eles, tomo haveremos de preocupar-nos com os que estão longe? É uma questão de prioridade e urgência perfeitamente compreensível.

Deve o superintendente da Escola Dominical estar bem ciente quanto a esse aspecto de seu ministério. Embora tenhamos sido chamados a cuidar do ensino da Palavra de Deus, incita-nos esta a desdobrar-nos em cuidados e desvelos por aqueles que, em nosso meio, passam, ou vierem a passar, necessidades. Tome-se como exemplo o grande apóstolo dos gentios; apesar de seu ministério prioritário, jamais deixou de estender as mãos aos pobres e desvalidos. Aliás, um dos primeiros trabalhos do grande apóstolo foi justamente administrar aos pobres (At 11.30).

II. AS BASES BÍBLICAS DA FILANTROPIA

A Bíblia, além de ser o mais piedoso dos livros, é também a mais filantrópica das obras. Os profetas de Jeová e os apóstolos do Cristo devotaram consideráveis porções das Escrituras aos cuidados que devemos santificar aos mais necessitados. Se o judeu não fosse magnânimo com o pobre, se não lhe desse o que comer nem o que

vestir, jamais poderia ser considerado servo do Deus de Israel. O Bondoso Pai demandava a beneficência de todos os seus filhos. Não foi isto também o que nos ensinou o Senhor Jesus.

1. A filantropia no Antigo Testamento. A Lei de Moisés proibia a prática da usura contra os desvalidos: "Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre que está contigo, não te haverás com ele como um usurário; não lhe imporás usura" (Êx 22.25).

As novidades da terra eram de tal forma colhidas que jamais deixavam de beneficiar ao pobre e ao estrangeiro: "E, quando segardes a sega da vossa terra, não acabarás de segar os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixarás. Eu sou o Senhor, vosso Deus" (Lv 23.22).

Exigia também o Senhor fossem os israelitas sensíveis ao clamor do pobre: "Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão a teu irmão que for pobre" (Dt 15:7).

Uma das ênfases do profetismo hebreu foi o cuidado a ser dispensado aos mais carentes: "Portanto, visto que pisais o pobre e dele exigis um tributo de trigo, edificareis casas de pedras lavradas, mas nelas não habitareis; vinhas desejáveis plantareis, mas não bebereis do seu vinho" (Am 5:11).

Foi justamente por não ministrar os devidos cuidados aos seus pobres que a primeira comunidade hebréia viu-se expulsa por Deus da terra onde manava leite e mel.

2. A filantropia no Novo Testamento. Tanto o Senhor quanto os seus apóstolos muito se preocuparam com os mais necessitados. Jesus procurou emprestar um cuidado essencialmente escatológico aos pobres, e com estes identificou-se: "Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E, quando te vimos estrangeiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o

fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mt 25.34-44).

O apóstolo Paulo jamais descurou dos necessitados. Em suas viagens missionárias, empenhava-se ele por ajudar os pobres de Jerusalém: "Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém" (Rm 15:26). Aos coríntios, que se vinham mostrando desleixados quanto a este mister, sua exortação não permite contemplações: "Ora, quanto à coleta que se faz para os santos, fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia" (1 Co 16:1).

Em sua epístola, Tiago condena o preconceito em relação aos pobres: "Meus irmãos, não tendes a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em aceção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestes preciosas, e entrar também algum pobre com sórdida vestimenta, e atentardes para o que traz a veste preciosa e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui, num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé ou assenta-te abaixo do meu estrado, porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos e não vos fizestes juizes de maus pensamentos? Ouvi, meus amados irmãos. Porventura, não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam? Mas vós desonrastes o pobre. Porventura, não vos oprimem os ricos e não vos arrastam aos tribunais?" (Tg 2.1-5).

III. O SUPERINTENDENTE COMO PROMOTOR DA FILANTROPIA CRISTÃ

Não importa se o seu ministério primacial é o ensino da Palavra de Deus. Como logo inferimos dos Atos dos Apóstolos e das epístolas paulinas, todos devemos santificar nossas vidas ao socorro dos carentes. Haja vista Paulo.

Durante suas viagens missionárias, não se dedicava o apóstolo apenas à pregação do Evangelho. Punha-se também a angariar fundos para socorrer os santos de Jerusalém. Em sua vida, a fé jamais esteve dissociada das obras.

Por que agiríamos diferentemente?

Como superintendentes da Escola Dominical, temos a oportunidade de mobilizar centenas de pessoas a ajudarem seus irmãos mais pobres. Promova a filantropia na Escola Dominical.

Mostrará você assim que a agência de ensino da igreja possui tanto a fé quanto as obras.

IV. COMO PODE O SUPERINTENDENTE DESENVOLVER O SENSO DE FILANTROPIA

Em seu ofício de educador, tem você a obrigação de conhecer profundamente a realidade social que o cerca. Isto significa que, na prática, você tem de ser um sociólogo. Interprete corretamente a realidade que o cerca.

De que maneira poderá o superintendente da Escola Dominical conhecer experimentalmente a comunidade dos fiéis? Nesta pergunta, não vai nenhum segredo; não comporta ela nenhum mistério. Este conhecimento exige convivência: amizade, visitas, perspicácia, observações sempre atentas.

À medida que o superintendente se for inserindo em sua jurisdição eclesiástica, irá inteirando-se automaticamente das dificuldades e carências desta. Por isso, converse, faça perguntas, busque interessar-se pelos que sofrem. Seja amigo dos desvalidos! É assim que nascem não apenas os maiores sociólogos, mas principalmente os grandes filantropos de Deus.

Se você se dispuser a visitar as favelas e mocambos, palafitas e aldeias, o seu ministério haverá de aflorar de maneira surpreendente. Estes são os lugares que o Senhor visitaria estivesse Ele em seu lugar; aqui na terra, você está no lugar dEle.

V. COMO DESENVOLVER A FILANTROPIA CRISTÃ

Na maioria de nossas igrejas, a filantropia acha-se tristemente limitada à campanha do quilo observada logo após a celebração da Ceia. Por causa da rotina a que vem sendo submetida, essa iniciativa já não surte os resultados esperados. Quando muito, consegue-se aprontar umas poucas cestas básicas. E quase sempre deixa-se de lado outras necessidades igualmente inadiáveis: saúde, educação, vestuário etc.

Neste tópico, apontaremos algumas sugestões que poderão ser consideradas pelo superintendente da Escola Dominical. São sugestões simples, mas creio eficazes, pois ao longo de meu ministério pude utilizá-las com êxito.

1. Momento de dedicação. É a ocasião solene em que os santos trazem para o altar seus haveres. Pode-se dedicar tanto gêneros alimentícios quanto dinheiro. A fim de que este empreendimento tenha êxito é mister seja bem divulgado. No domingo anterior, o superintendente da Escola Dominical, com a anuência de seu pastor, relembrará a igreja de seu compromisso.

Se possível, distribuir-se-á entre os alunos e professores um cartão, indicando o gênero a ser trazido. Dessa forma, há de se evitar que tenhamos alguns gêneros em demasia, e outros em quantidades irrisórias.

No dia aprazado, geralmente após a Santa Ceia que, em muitas igrejas, é celebrada imediatamente depois da Escola Dominical, os presentes, em atitude de adoração, encaminhar-se-ão para o altar. E, aí, depositarão a sua oferta. Os resultados hão de surpreender. Experimente!

2. Campanha do agasalho. No mês que antecede o inverno, recolha roupas e cobertores. Distribua-os aos mais necessitados. Não se esqueça, porém, da lavagem e do conserto das peças para que estas tenham um aspecto agradável. Busque o auxílio da união feminina. É uma parceria que dá resultado.

3. Campanha do material escolar. Arrecade junto à igreja, no mês que antecede o início das aulas, material escolar. Depois, reparta-o entre os alunos mais necessitados.

4. Campanha missionária. Inteira-se das dificuldades que os missionários enfrentam no campo. Em seguida, fale com o seu pastor, e deflagre uma campanha a fim de dar o suporte necessário àqueles que se dedicam à evangelização transcultural.

5. Promoção de empregos. Busque manter um bom relacionamento com os empresários de sua cidade a fim de providenciar colocações aos desempregados. Organize um arquivo com os nomes destes, e outro com as vagas oferecidas. Essa iniciativa, conforme você haverá de constatar, dará excelentes resultados.

CONCLUSÃO

Enfim, você tem muito a fazer na obra de Deus. Como superintendente da Escola Dominical, trabalhe em sintonia com o seu pastor. Não tente nenhum vôo solo. O trabalho em equipe surte grandes resultados.

Você não foi chamado somente para cuidar do ensino. O Senhor Jesus convocou-o também zelar pelos mais carentes e necessitados. Por outro lado, como estes poderão aprender com eficiência se lhes falta o básico?

QUESTIONÁRIO

1. Por que o superintendente da Escola Dominical também deve atuar como filantropo?
2. O que é a filantropia?
3. Por que a filantropia cristã é superior?
4. O que o Antigo Testamento diz acerca da filantropia?
5. O que o Novo Testamento diz acerca da filantropia?
6. Como pode o superintendente desenvolver a filantropia?
7. Cite uma das sugestões dadas aqui que poderão ser desenvolvidas pelo superintendente.
8. Que outras sugestões você acrescentaria?
9. Qual a diferença entre a filantropia do Antigo e do Novo Testamento?
10. Por que deve ser o superintendente um sociólogo prático?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Responda com toda a sinceridade a estas perguntas:
 - O que tenho feito em prol da filantropia cristã?
 - Importo-me realmente com os mais necessitados?
 - Amo o meu próximo como a mim mesmo?
2. Leia os capítulos 5 a 8 de Mateus.
3. Faça uma oração, confessando suas negligências neste particular, e rogando a Deus venha abençoá-lo na promoção da assistência aos mais necessitados.

O Superintendente e o Seu Relacionamento com os Professores

INTRODUÇÃO

Quem era ele, afinal? Superintendente ou professor? Era difícil saber; ele saía-se bem em ambas as funções. Como professor, fez sua classe crescer não somente em número, mas principalmente em conhecimento e graça. E, agora, na superintendência da Escola Dominical, tem a oportunidade de pôr em prática um arrojado projeto: expandir e modernizar a sua escola. Mas sabe ele que nenhum projeto educacional, por mais perfeito que se mostre, poderá ser bem sucedido a menos que a classe docente seja devidamente contemplada.

Suas preocupações não são apenas administrativas; são prioritariamente educacionais. Aí está um grande pedagogo; está aí um grande administrador.

Talvez esteja você dizendo que um superintendente assim não existe. Existe sim! Apesar de seu anonimato, pode ser encontrado em muitas igrejas.

Qual o segredo de tamanho êxito?

Ele é um professor lidando com professores. Conhece as prioridades de seu ministério, e sabe perfeitamente que os professores da Escola Dominical têm de ser tratados com toda a consideração. Se não forem bem conduzidos, como poderão conduzir seus alunos?

Aprendamos com este superintendente que pode ser, inclusive, você. Desenvolva o seu potencial, desenvolvendo o potencial de cada um de seus professores. Afinal, o superintendente da Escola Dominical é, antes de tudo, um professor!

I. O QUE É O PROFESSOR

1. Etimologia. O significado etimológico do vocábulo professor é bastante curioso. Trazido da palavra latina *professore*,

denota "aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina".

2. Definição. Professor é a pessoa perita, ou adestrada, para, não somente transmitir conhecimentos, mas principalmente formar o caráter de seus pupilos.

3. Conceito pedagógico. Sempre admirável em suas proposições, Aguayo dá-nos esta belíssima definição: "Professor é quem conscientemente, e com um propósito determinado, influi sobre a educação de uma comunidade. Educadores e professores são, pois, o sacerdote, o filósofo, o estadista, o magistrado, os pais, os grandes escritores e, em geral, toda pessoa que se propõe estimular, guiar e dirigir o pensamento, a conduta ou a vida dos seus semelhantes".

4. O professor como intermediário. Devem os professores atuar como os reais intermediários entre os especialistas e os alunos. Esta função do mestre foi muito bem entendida pelo admirável escritor Monteiro Lobato: "A função do mestre profissional fez-se cara. Tinha de ser o intermediário entre o especialista e o povo, tinha de aprender a linguagem do especialista, como este aprendia a linguagem da natureza, e desse modo romper as barreiras erguidas entre o conhecimento e a necessidade de aprender, descobrindo meios de expressar as novas verdades em termos velhos que toda gente entendesse. Isso porque se o conhecimento se desenvolve demais, a ponto de perder o contato com o homem comum, degenera em escolástica e na imposição do magister; o gênero humano encaminhar-se-ia para uma nova era de fé, adoração e distanciamento respeitoso dos novos sacerdotes; e a civilização, que desejava erguer-se sobre uma larga disseminação da cultura, ficaria, precariamente, baseada sobre uma erudição técnica, monopólio duma classe fechada e monasticamente separada do mundo pelo orgulho aristocrático da terminologia".

5. A importância do professor da Escola Dominical. É justamente com esse elemento tão importante da educação que os superintendentes estamos lidando. Não podemos ignorá-lo, nem subestimar-lhe o valor. De nosso relacionamento com ele, dependerá todo o nosso êxito como responsáveis pelo mais importante departamento da igreja. Além disso, são os professores os intermediários entre os doutores e o povo.

Na antigüidade, professor era aquele que, publicamente, professava a sua fé. Que os professores e superintendentes de Escola

Dominical jamais nos esqueçamos desse sacratíssimo dever de nosso ministério! Professemos sempre a fé no Cordeiro de Deus.

II. OS PROFESSORES COMO INTERMEDIÁRIOS E INTÉRPRETES DE NOSSOS CURRÍCULOS

Como já foi dito, são os professores os intermediários entre os especialistas e os alunos. Devem eles atuar como os intérpretes e os adaptadores de currículos. Isto implica em algumas responsabilidades; que prezem os livros-textos recomendados, e jamais fujam aos currículos que lhes são confiados pela direção da escola.

Estejamos atentos aos professores que, rejeitando temerariamente as lições que lhes prescreve a Igreja local em consonância com a orientação dos órgãos convencionais competentes, põem-se a escrever lições por conta própria, cometendo não raro aleijões doutrinários e aberrações teológicas.

Os currículos referendados pelos órgãos convencionais não devem ser mudados sob hipótese alguma. Nem podem os professores buscar currículos alternativos. O mestre que assim procede só conseguirá provar sua incompetência em interpretar e adaptar o currículo recebido à sua realidade.

Caso o superintendente verifique terem base as reclamações de seus professores, que entre em contato com a sua editora, a fim de que as dúvidas sejam todas elucidadas pelos especialistas.

As Assembléias de Deus fazem uso do currículo aprovado pela Convenção Geral e publicado pela CPAD. Isto significa que a pureza doutrinária de nossas revistas é plenamente confiável e acha-se em plena harmonia com as Sagradas Escrituras.

Que os nossos professores se conscientizem de suas responsabilidades; são eles não somente os guardiães como também os intérpretes de nossos currículos. Eis porque dos professores requer-se tão sublimados requisitos.

III. OS REQUISITOS BÁSICOS DO PROFESSOR

Theobaldo Miranda Santos afirmou, certa ocasião, que o professor não é somente aquele que educa por profissão. É aquele que, por vocação, ensina. Quem pode contestar o ilustre pedagogo brasileiro? Ora, se assim deve agir o professor secular, o que não

diremos do professor que tem como missão ensinar a Palavra de Deus?

Vejamos, a seguir, os requisitos exigidos daquele que se propõe a ensinar:

1. Vocação. É o ato de chamar. É o pendor, a disposição e a pendência para alguma coisa. Ouçamos mais uma vez o professor Theobaldo Miranda Santos:

"Não devemos esquecer que a característica essencial do educador, a qualidade suprema de que depende toda a sua eficiência educativa é, indubitavelmente, a vocação, sinal misterioso com que Deus assinala o sentido de cada vida humana na economia espiritual do universo e que, naqueles que foram destinados à obra pedagógica, se traduz pelo amor ao educando, pela compreensão intuitiva da sua personalidade e pela capacidade de promover o seu aperfeiçoamento".

Discorrendo acerca dos dons de serviço, o apóstolo Paulo comparou o ensino a uma chamada divina:

"De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é ensinar, haja dedicação ao ensino" (Rm 12.7).

A vocação ao ensino da Palavra de Deus, por conseguinte, é algo sagrado; tem de ser tratada com todo o cuidado e desvelo. Que nenhum professor de Escola Dominical venha a desconsiderar tal verdade!

2. Amor ao ensino. Não basta ser vocacionado ao ensino; é necessário que se tenha pelo ensino um sacrificado amor. Os que, no magistério, vêm apenas uma fonte de renda, sentir-se-ão continuamente frustrados. Antes de mais nada, consideremos: o ensino, como todo o sacerdócio, não foi instituído para enriquecer quem o pratica, e, sim, aqueles a quem ele se destina.

Jamais deve o professor esquecer-se do que disse Platão: "Os que levam fachos de luz devem passá-los a outros". Se Deus o quisesse rico, chamá-lo-ia certamente para ser banqueiro, nunca professor. Por outro lado, que luz pode lançar um banqueiro sobre os seus clientes? Juros escorchantes? O sábio professor, todavia, haverá de auferir eternos dividendos ao ver seus alunos frutificando boas obras para Deus e seus semelhantes (Dn 12.3). Lembre-se de que o Senhor o chamou para levar o facho que, um dia, de maneira gloriosa, deverá passar para outros.

3. Dedicção ao ensino. Os chineses têm um ditado que realça a qualidade do professor: "Cem livros não valem um bom

professor". De relance, é difícil atinar para a sabedoria desse provérbio. No entanto, basta um instante de reflexão para se concluir: cem livros não valem um professor, porque só viremos a entender um livro depois de alfabetizados e introduzidos no maravilhoso mundo das letras por homens e mulheres que jazem no anonimato.

Talvez a minha hermenêutica não se mostre totalmente correta. Mas essa foi a minha experiência. Não fora aquela "professorinha" que, de forma tão paciente, ensinou-me as primeiras letras, como poderia eu ler as centenas de livros que já li, ou prosseguir a escrever esta obra que você, bondosa e pacientemente, lê?

É mister que o professor se dedique ao ensino. Enquanto o aluno não estiver totalmente preparado, não descanse. Invista nele tempo e perseverança. Nele, invista as primícias de seus sentimentos. Dedicção é a palavra-chave. Sabe o que significa dedicação? É abnegação, consagração, devotamento, afeição profunda, veneração e amor.

Superintendente, tem você ajudado seus professores a se dedicarem ao ensino? Incentive-os; é a sua missão.

4. Exemplaridade moral. João Batista de La Salle, impressionado com a decadência do ensino em sua época, resolveu fundar uma escola que educasse dignamente as crianças, e cujos professores se destacassem, acima de tudo, pelo exemplo moral.

A preocupação de La Salle, acredito eu, é a de todos nós, superintendentes de Escola Dominical.

Como carecemos de pessoas moralmente sadias! Se não tivermos mestres que sejam doutores na conduta, jamais poderemos alistar cristãos que sejam graduados no agir, adestrados no pensar e aptos a servir a Deus.

Eis o que recomendou Raul Ferrero: "Dentro e fora da escola, o mestre deve ser um paradigma de correção e de boa conduta porque a virtude se erradia sobre os demais como um exemplo vivificador. Enobrece o espírito e concede ao homem um traço de incontestável respeitabilidade. Requer, pois, o educador sólidos princípios morais e religiosos, severamente observados. Como só se pode transmitir o que se possui, o mestre, ensinando a moral, tem de vivê-la com sóbrio orgulho e inculcá-la com paternal solicitude".

Ora, se tudo isso requer Ferrero dos educadores seculares, o que não dizer dos professores da Escola Dominical? A

recomendação Bíblica não comporta dúvidas: "Sê o exemplo dos fiéis" (1 Tm 4.12).

5. Vida espiritual. Precisamos de professores que se dediquem amorosa e sacrificialmente ao Senhor Jesus. Não basta ter vocação ao ensino; é imprescindível o devotado amor ao Divino mestre. Como podemos ensinar o amor a Cristo, se desconhecemos o sentido do amor divino? Leciona o pastor Antonio Gilberto: "O professor espiritual e preparado completa o trabalho do evangelista ou pregador. O ensino da Palavra deve ser em toda igreja uma seqüência da pregação".

6. Preparo físico. Tendo em vista as dificuldades inerentes ao ensino, é fundamental que o professor esteja preparado fisicamente. Terá ele, afinal, de ministrar aulas que, em média, duram de quarenta minutos a uma hora. Recomenda-se, pois, ao professor que cuide bem de sua saúde, alimente-se na hora certa e não sacrifique as horas de sono.

Tem os seus professores esses requisitos? Se os têm, é mister que os desenvolvam plenamente. Em virtude das exigências do cargo, deve o *professor expandir a* capacidade de seus dotes e enriquecer cada talento, porque muitos e variados são os seus deveres.

IV. OS PRINCIPAIS DEVERES DO PROFESSOR

Além dos requisitos que se demanda de cada professor de Escola Dominical, deve este conscientizar-se de seus principais deveres. Como em toda a escola, cabe ao superintendente levar o corpo docente a cumprir fielmente as suas obrigações. Doutra forma, o grande projeto, que é a Escola Dominical, jamais alcançará seus objetivos.

1. Preparo da lição. Que cada professor gaste pelo menos uma hora por dia no preparo de sua lição. Aqueles que só lêem a lição no domingo, minutos antes de ir à Escola Dominical, estão fadados ao fracasso.

2. Pontualidade. Incentivemos o professor a chegar à Escola Dominical com, pelo menos, trinta minutos de antecedência. Ele poderá, assim, verificar se a sua sala está devidamente preparada.

Além disso, disporá de alguns minutos para orar a fim de que Deus o abençoe na ministração da Inatéria.

3. Visitar os alunos. O professor não deve permitir que os faltosos fiquem sem a devida assistência espiritual. Visitando-os em suas lutas e provas, os mestres muito nos ajudarão a viver um grande avivamento espiritual.

4. Orar pela classe. Leve seus professores a interceder por suas respectivas classes e pela Escola Dominical como um todo. Sem oração, não pode haver progresso. Aconselho que toda a semana o superintendente se reúna com os professores e a diretoria da Escola Dominical a fim de interceder por esta junto a Deus. Aí está a chave da vitória.

5. Frequentar a reunião dos professores.

Leve seus mestres a frequentar regularmente a reunião dos professores. É a oportunidade de que você dispõe para neles incutir o espírito de corpo (unidade espiritual) de que deve haver em cada Escola Dominical. Além disso, precisarão observar as orientações didáticas e pedagógicas concernentes às lições a serem ministradas.

Quanto ao horário da reunião, pode-se optar pelo sábado ou pela hora que antecede o início da Escola Dominical.

Ajude os professores a cumprirem os seus deveres. Fale com aqueles que estejam enfrentando dificuldades para observar as normas estabelecidas pela Escola Dominical. Seja compreensivo; todavia, jamais negocie a sua autoridade como superintendente. Seja paciente, porém, nunca perca de vista os grandes objetivos do Reino de Deus.

Embora pareça difícil e até doloroso substituir um professor, às vezes é imperioso fazê-lo. Se este vier a perder o alvo do ensino cristão e não mais contemplar suas urgências, exorte-o. Se não houver mudança de atitude, não relute em proceder a substituição. Mas não deixe de orar pelo mestre que está sendo substituído; amanhã poderá voltar devidamente reciclado.

V. O QUE PODERÁ FAZER O SUPERINTENDENTE EM PROL DOS PROFESSORES

O superintendente da Escola Dominical não pode limitar-se a exigir que os professores cumpram os seus deveres. Deve, antes de tudo, proporcionar-lhes as necessárias condições para que desempenhem a contento o seu glorioso ministério.

Exporemos aqui o que poderá fazer você pelos seus professores.

1. Ore pelos professores. Apresente-os diariamente ao Senhor Jesus. Deve você posicionar-se diante de Deus como o maior intercessor da Escola Dominical. Lembra-se de Samuel? Foi considerado pelo próprio Deus como um dos dois maiores intercessores de Israel (Jr 15.1).

2. Visite os professores. Assim como os professores devem visitar os alunos, deve o superintendente visitar cada professor em particular. E se um dia o superintendente precisar de visitas, o pastor estará pronto a fazê-lo. Dessa forma, cada um interessando-se pelo seu irmão, Deus estará visitando a todos. É a lei do amor.

3. Interesse-se pelos problemas de seus professores. Não se limite a substituir os mestres que, num dado momento de sua carreira, estejam enfrentando dificuldades. Procure saber o que lhes está acontecendo. Às vezes é apenas uma fase difícil. Já pensou se o Senhor Jesus fosse desfazer-se de nós cada vez que nos víssemos em crise? Certamente não estaria eu a escrever este livro.

4. Recicle os professores. Se não tomarmos cuidado, tanto os professores como nós, os superintendentes, repetir-nos-emos. Por isso, é imperativo que nos reciclemos periodicamente. Sempre que houver um curso específico, patrocine a ida de seus professores. Ou melhor: vá com eles, mostre-lhes que você mesmo está interessado em aperfeiçoar-se.

É claro que a reciclagem dos professores envida recursos financeiros. Todavia, de que nos servem estes, no âmbito do Reino de Deus, senão para preparar melhor os obreiros de Cristo? Investir no ensino da Palavra de Deus tem de ser a nossa máxima prioridade.

5. Ajude os seus professores a serem grandes pesquisadores. Jerônimo, que foi um dos maiores cultores do Cristianismo, deixou aos seus discípulos este peregrino conselho: "Vivei como se, cada dia, tivésseis de morrer; estudai como se, eternamente, tivésseis de viver". O que o grande erudito quis dizer-nos? Em primeiro lugar, que os professores não podemos limitar-nos às atividades acadêmicas. Antes destas, devemos primar por uma vida piedosa e santa, devocional e sacrificialmente amorosa.

Somente assim, teremos condições de nos consagrarmos ao estudo da Palavra de Deus. Leve seus professores a se dedicarem à pesquisa dos temas a serem ministrados. Recomendamos tenha a Escola Dominical uma bem fornida biblioteca a fim de

proporcionar-lhes as ferramentas de que eles tanto necessitam para preparar uma boa aula.

CONCLUSÃO

Você também é um professor. Pode haver vocação maior que esta? Haja vista o Senhor Jesus Cristo. Em seu ministério terreno, era Ele conhecido como o Divino Mestre. Por onde chegasse, devotavam-lhe as maiores deferências; ali estava quem ensinava com autoridade, pois ao ensino se santificava.

Lute por seus professores a fim de que alcancem o grau de excelência requerido na Palavra de Deus: "O que ensina, esmere-se no fazê-lo".

QUESTIONÁRIO

1. O que é o professor?
2. Literalmente, o que significa a palavra professor?
3. Cite dois requisitos básicos do professor.
4. Por que o professor deve ter vida espiritual?
5. O que é a exemplaridade moral na carreira de professor?
6. Cite três deveres básicos do professor.
7. Por que deve o professor freqüentar regularmente a reunião dos professores?
8. Por que os professores devem se reciclar periodicamente?
9. Em linhas gerais, o que o superintendente deve fazer por seus professores?
10. Por que deve o superintendente da Escola Dominical investir em seus professores?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Ore por cada um dos professores de sua Escola Dominical.
2. Ajude-os em seus problemas e dificuldades. 3 · Trate-os com toda a consideração.
3. Tire um dia na semana para jejuar em prol de seus professores.

O Superintendente e o Seu Relacionamento com os Alunos

INTRODUÇÃO

Não gostei muito de minha experiência como aluno. Ao chegar àquela escola, deparei-me com um prédio tão grande, com tanta gente transitando por aqueles corredores intermináveis e, às vezes, tão escuros; deparei-me com tanta cara estranha e autoritária; deparei-me, enfim, com um ninho que, definitivamente, não era meu. Se pudesse, sairia correndo daquele prédio que mais parecia uma prisão.

Graças a Deus, não pude; tive de ficar.

Com o passar dos dias, percebi que, em meio a todas aquelas estranhezas, havia uma professora que tudo fazia por me conduzir pelo caminho do saber. Não fosse a dona Catarina, como poderia hoje estar escrevendo este livro?

Não posso esquecer-me também da bondosa diretora que, apesar de todos os seus afazeres, ainda tinha tempo para interessar-se por um garoto que só sabia chorar. No entanto, lá estava ela, pedindo paciência à minha professora e tentando acalmar-me.

Como seria bom se as nossas Escolas Dominicais tivessem um superintendente tão prestativo como aquela diretora! Não posso lembrar-me de seu nome; não devo esquecer-me de seu exemplo. Ela sabia perfeitamente o que representava um aluno.

I. O QUE É O ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL

Na Roma Antiga, aluno era a criança que os mais abastados confiavam a determinados mestres a fim de que estes a educassem. Haja vista o seu significado etimológico: *alumno*, criança que se dava para criar.

Com o passar dos tempos, a palavra começou a ganhar o significado que, modernamente, ostenta.

1. Definição. Aluno é a pessoa que recebe instrução em estabelecimento de ensino. Estudante, educando, discípulo. É conhecido também como *discente* que, em latim, significa: aquele que aprende. E o professor, por seu turno, é chamado docente: aquele que administra a aprendizagem.

2. Conceito pedagógico. Se na antigüidade, aluno era a criança entregue para que alguém a educasse, hoje este conceito é mais abrangente. O pedagogo brasileiro Theobaldo Miranda Santos explica-nos quem é realmente o aluno: "Educando não são unicamente a criança, o adolescente e o jovem, e sim o homem de todas as idades".

3 · O aluno da Escola Dominical. Tendo em ista as definições anteriores, podemos dizer: aluno da Escola Dominical é todo aquele que, interessado em crescer na graça e no conhecimento de Cristo, freqüenta-a regularmente, seguindo com fidelidade todas as suas orientações.

Por conseguinte, é o aluno a pessoa mais importante da Escola Dominical. Sem aquele não teria esta o menor significado. Por isso, devemos tratá-lo com todo o cuidado e desvelo a fim de que possa ele desenvolver-se em todas as áreas de sua vida espiritual.

II. REQUISITOS PARA SE TORNAR ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL

Do tópico anterior, o que podemos inferir de imediato? Em primeiro lugar, que o ser humano pode ser educado até que venha a atingir o ideal que lhe traçou Deus nas Sagradas Escrituras: a semelhança com o Senhor Jesus (2 Tm 3.16). Aliás, este é um dos pilares da Teologia da Educação Cristã: o homem pode e deve ser educado. Neste sentido, estamos de pleno acordo com Tertuliano: "Os cristãos fazem-se; não nascem feitos".

Vejamos o único requisito que precisa ter uma pessoa para ingressar nessa oficina que, através das Sagradas Escrituras, vem fazendo, forjando e moldando milhões de seguidores de Cristo por todo o mundo.

Ao contrário das outras escolas que exigem certificados e habilitações, a Escola Dominical só exige uma coisa dos que desejam freqüentá-la: fome e sede pela Palavra de Deus. E para tais pessoas que haveremos de estar sempre solícitos; representam elas toda a razão de ser deste tão importante departamento da igreja.

III. DEVERES DO ALUNO DA ESCOLA DOMINICAL

Que os alunos da Escola Dominical tenham-na como o principal instituto de educação de sua vida. Ela é mais importante do que o mais importante dos seminários; estes, muitas vezes, limitam-se a formar teólogos; aquela esforça-se por apresentar homens e mulheres perfeitos ao Senhor Jesus.

Embora nenhum pré-requisito se exija de quem pretenda freqüentar a Escola Dominical, a não ser fome e sede pela Palavra de Deus, do aluno requer-se alguns compromissos:

1. Freqüentar regularmente a Escola Dominical. Se a pessoa anseia por uma vida profunda com Deus e por sua Palavra, haverá de freqüentar assiduamente a Escola Dominical. Se numa escola secular demanda-se assiduidade e zelo, quanto mais num educandário que tem como alvo a formação de santos.

2. Ler a Bíblia. Sendo a Escola Dominical o educandário que ensina a Bíblia, pois este é o seu livro-texto por excelência, requer-se que seus alunos leiam-na diária, piedosa e persistentemente. A maioria das Escolas Dominicais aconselha seus alunos a lerem a Bíblia toda, de Gênesis a Apocalipse, pelo menos uma vez por ano.

Já fez essa recomendação a seus alunos? Inculque-lhes a responsabilidade de, não somente ler, mas estudar com afincamento as Sagradas Escrituras.

3. Estudar a lição. Como toda a escola, a E.D. requer que seus alunos sejam aplicados e estudem a lição. E que se dediquem a este mister não somente aos domingos, mas de segunda a sábado, pelo menos uma hora por dia. É uma atividade que reivindica toda uma semana de leituras, pesquisas e meditações.

Sugira aos chefes de família que usem a lição bíblica em seus cultos domésticos.

Se os alunos da Escola Dominical já se dedicam ao estudo da lição, parabéns. É sinal de que você é um superintendente zeloso.

4. Orar pela Escola Dominical. Leve não somente os alunos, mas também os professores, secretários e tesoureiros, a orarem de maneira perseverante para a Escola Dominical. Sem oração, nenhum departamento da Igreja alcançará seus objetivos.

5. Participar das atividades da Escola Dominical. As Escolas Dominicais de hoje, via de regra, não se limitam a ensinar a lição da semana. Elas se dedicam à evangelização (feita logo após a aula), às

missões, à assistência social etc. Por conseguinte, desperte em seus alunos o desejo de tomar parte em todas essas atividades. Assim, estarão investindo eles na expansão do Reino de Deus.

Superintendente, ajude seus alunos a cumprirem fielmente seus deveres. A obra de Deus só tem a ganhar com uma Escola Dominical dinâmica e comprometida com o Senhor Jesus.

IV. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AOS ALUNOS

Os alunos da Escola Dominical vêem o superintendente como o imediato de seu pastor, e este, por seu turno, tem-no como o seu auxiliar mais direto durante o período de aula. Por isso, os superintendentes devemos tratar os alunos com todo o cuidado e dispensar-lhes toda a atenção; de nosso desvelo depende, em grande parte, o seu crescimento espiritual.

Em síntese, eis a nossa responsabilidade em relação aos alunos:

1. Orar pelos alunos. Esta é a nossa principal responsabilidade. Intercedamos por eles junto ao Senhor, a fim de que toda a Escola Dominical tenha um crescimento harmônico, cadenciado e, acima de tudo, espiritual.

2. Visitar os alunos. Esta responsabilidade não é apenas do professor; é também do superintendente. Todas as vezes que um professor pedir-lhe a ajuda quanto a algum aluno que esteja passando por um problema difícil, visite-o imediatamente. Não deixe tal responsabilidade apenas com o professor; ela também é sua.

3 · Verificar se os alunos estão satisfeitos com o professor. Neste ponto, haja com muito cuidado, equilíbrio e discrição. Não vá sacrificar um bom professor porque um aluno, isoladamente, reclamou dele. Verifique se este é o pensamento de toda a classe. Faça-o de tal forma a não melindrar o professor nem a quebrar a cadeia de comando da Escola Dominical. Às vezes, é apenas uma fase ruim que o professor está atravessando.

Sempre que tiver de substituir um mestre, ore a respeito e consulte o seu pastor; seja criterioso.

É claro que os alunos merecem toda a prioridade. Todavia, o professor também é importante. Por isso, contemple o problema de

forma ampla, racional e sempre buscando o discernimento divino. Jamais queira ser sábio aos próprios olhos.

4. Promover o crescimento espiritual dos alunos. É para isto que a Escola Dominical existe. Se não promovermos o crescimento de nossos alunos, estaremos em falta diante da igreja e, principalmente, diante de Deus.

Afira se todas as classes estão experimentando um crescimento espiritual segundo o requer a Palavra de Deus. Se houver algum problema nessa área, identifique-o e resolva-o rapidamente.

Não descure de suas responsabilidades. Esteja sempre atento; cumpra o seu ministério. Deus o chamou a fim de que você promova o aperfeiçoamento dos santos.

CONCLUSÃO

Como superintendente de Escola Dominical, tive muitos alunos. Quer em São Paulo, quer no Rio de Janeiro, estados onde atuei por mais de vinte anos nesse ministério, encontro não poucos irmãos que, tenho certeza, foram abençoados através de minha atuação nessa área tão imprescindível da Educação Cristã. Todavia, o maior beneficiado fui eu; proporcionaram-me eles a invulgar oportunidade de contribuir para a relevância do ensino das Escrituras Sagradas e, dessa forma, levar o Reino de Deus a expandir suas fronteiras.

Que Deus abençoe os meus queridos alunos! Eles muito me ensinaram.

QUESTIONÁRIO

1. Originalmente, qual o significado da palavra aluno?
2. O que é o aluno?
3. O que é o aluno da Escola Dominical?
4. Que requisitos se exige para que alguém possa tornar-se aluno da Escola Dominical?
5. Quais os deveres do aluno da Escola Dominical?
6. Quais as responsabilidades do superintendente em relação aos alunos?
7. O que significa promover o crescimento espiritual do aluno?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Separe pelo menos 15 minutos diários para orar pelos seus alunos.
2. Consagre um dia na semana para jejuar por seus alunos.
3. Visite os mais carentes.
4. Responda com toda a sinceridade esta pergunta: Tenho sido realmente um bom superintendente de Escola Dominical?

O Superintendente e o Seu Relacionamento com o Pastor

INTRODUÇÃO

O pastor de minha infância freqüentava assiduamente a Escola Dominical. Era o primeiro a chegar; o último que saía era ele. O irmão Roberto Montanheiro atuava como o real superintendente de nossa escola. Naquele tempo, esta expressão sequer existia, mas em nosso pastor o seu conceito já se achava bem cristalizado.

Pelo que me consta, ele jamais teve qualquer problema com os seus superintendentes. Estes sabiam o seu lugar; aquele cumpria as suas obrigações. E quem maior proveito tirava desse harmonioso relacionamento éramos os alunos.

Em minha carreira de superintendente, jamais deixei de considerar os meus pastores como os reais superintendentes da Escola Dominical. E, graças ao bom Deus, nunca tive qualquer problema nessa área. Neste capítulo, veremos como o superintendente deve agir em relação ao seu pastor. Deste relacionamento, espero seja harmonioso e mui produtivo, depende todo o crescimento da Escola Dominical em particular, e da Obra de Deus como um todo.

I. PASTOR - O REAL SUPERINTENDENTE DA ESCOLA DOMINICAL

Em seu *Manual da Escola Dominical*, que já se tornou uma leitura obrigatória entre nós, afirma o pastor Antonio Gilberto: "O pastor da igreja é o primeiro obreiro da Escola Dominical pela natureza do seu cargo. É ele o real dirigente da Escola Dominical. É o principal responsável pela Escola Dominical mediante sua atenção e ação. Sua simples presença na Escola Dominical é um prestígio para a mesma".

Não podemos esquecer-nos dessa prerrogativa do pastor da igreja. Não é privilégio de quem preside; é responsabilidade de quem recebeu a incumbência de firmar a Igreja de Cristo na doutrina dos apóstolos e dos profetas.

Mas essa responsabilidade, posto que grande e às vezes desproporcional, não precisa ser arcada apenas pelo pastor ou pelo superintendente. É tarefa de ambos.

II. SUPERINTENDENTE E PASTOR - UMA PRODUTIVA PARCERIA

Compreendendo o superintendente as próprias Responsabilidades e o papel que o seu pastor tem a desempenhar na Escola Dominical, nenhum conflito poderá haver entre ambos. Entre você e ele, estabelecer-se-á uma produtiva parceria que muitos dividendos trará ao Reino de Deus.

Não se deixe levar por ciúmes ou prevenções com respeito ao seu pastor. Como o anjo da igreja, tem ele todo o direito de intervir não somente na Escola Dominical como também em todos os departamentos sob a sua jurisdição. Ao invés de se sentir receoso com a sua presença, agradeça a Deus por ter um dirigente que demonstra vivo interesse pela Educação Cristã.

De que forma se estabelecerá tal parceria? Considere estas sugestões:

1. Ore com o seu pastor. Se ambos estiverem orando, o diabo jamais encontrará ocasião para quebrar a comunhão entre você e o seu pastor. Apresentem-se de contínuo diante de Deus; juntos intercedam pela Escola Dominical.

2. Jejue com o seu pastor. Consagre um dia na semana para jejuar, juntamente com o seu pastor, pela Escola Dominical. Lembre-se dos momentos de crise do povo de Deus. Havia sempre alguém orando e jejuando com os dirigentes dos israelitas, no Antigo Testamento, e com os da Igreja, no Novo. Combine um dia de jejum com o seu pastor-presidente.

3. Chore com o seu pastor, sofra com ele.

Não se esqueça do mandamento bíblico: "Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram". Aja como Josué; esteja sempre à disposição de seu pastor. Imite os valentes de Davi; dedique-se ao seu pastor. Faça como Timóteo; porte-se como aquele filho sempre solícito de seu pastor.

É assim que são montadas as grandes equipes. Uma vitória não vem por acaso; é um trabalho de parceria; envolve a união de ânimos, a unidade de ação e a coesão de forças.

III. AS RESPONSABILIDADES DO SUPERINTENDENTE EM RELAÇÃO AO SEU PASTOR

As responsabilidades do superintendente da Escola Dominical não se acham circunscritas ao tópico anterior. Em termos funcionais, envolvem outros deveres igualmente importantes. Foi o que aprendi no exercício da superintendência desse tão abençoado órgão da igreja.

1. Jamais deixe de honrar o seu pastor. Trate-o com todas as honras e deferências. Sempre que ele estiver presente, passe-lhe a direção dos trabalhos. Faça-o, mesmo sabendo que ele, gentilmente, a recusará. Honre-o diante dos alunos e professores. Se tiver alguma queixa a apresentar-lhe, faça-o reservadamente; não se esqueça das boas maneiras e da educação que devem caracterizar todo o homem de Deus.

2. Nada faça sem o seu consentimento. Se você tiver um plano, uma idéia, um projeto, não deixe de apresentá-los ao seu pastor. Não tente nenhum vôo solo. Além do mais, ele terá sempre uma palavra de conselho a dar-lhe. Evitará você, dessa maneira, desgastes desnecessários e, não raro, dolorosos.

3. Apresente relatórios periódicos ao seu pastor. Como pastor da igreja, tem este de saber a exata dimensão de seus vários departamentos. Por isso, não deixe de apresentar-lhe os relatórios financeiros e de secretaria da Escola Dominical. Não lhe negue nenhuma informação. Ele tem de estar a par de tudo o que ocorre na igreja. Não faça das finanças da Escola Dominical uma tesouraria à parte. Atue de conformidade com a filosofia financeira de seu pastor.

4. Não convide nenhum auxiliar sem a aprovação de seu pastor. Ele tem de estar a par da composição de toda a sua equipe. No caso da contratação de um novo professor, ou secretário, ouça-o; ele saberá como avaliar melhor o candidato devido às informações de que dispõe como dirigente da igreja.

5. Não convide ninguém para falar ou pregar na Escola Dominical sem o assentimento de seu pastor. Procure saber se o pastor está de acordo. Agindo com prudência e sabedoria, estará

você evitando constrangimentos tanto para o seu pastor como para o convidado. E se este pertencer a uma igreja, cujas doutrinas sejam contrárias às nossas? Prudência! Muito cuidado!

6. Não contraia dívidas em nome da Escola Dominical ou da igreja. Submeta suas necessidades ao pastor. Saberá este como suprir as necessidades da Escola Dominical. Há muitos superintendentes afoitos que, na ânsia de mobiliar a E.D. e realizar grandes festas e encontros, contraem dívidas e compromissos que jamais poderão honrar. E isto tem gerado escândalos e prejuízos para a Obra de Deus.

7. Quando substituído na superintendência, não se ofenda. Lembre-se: a Escola Dominical não é sua. Você é apenas um obreiro que estará atuando temporariamente à frente desse departamento. Chegará o tempo em que haverá de ser substituído. E às vezes isso acontece no auge de nossa administração.

Quando isso ocorrer, não se entristeça. É sinal de que o seu pastor tem outros planos para você. Afinal, todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus. Com a mesma alegria que entrou, saia. Regozije-se sempre no Senhor!

Estas são as suas responsabilidades. Desincumba-se delas. Seja fiel em todas as coisas; jamais se exaspere.

CONCLUSÃO

A Escola Dominical não é uma igreja à parte; é apenas um departamento desta. E, você, ainda que pastor, não é o dirigente da igreja; é apenas um auxiliar de seu pastor-presidente. Considere isto. Dentro dos limites de sua ação, dê o seu melhor para o Senhor Jesus. Veja sempre o seu pastor como o anjo que Cristo colocou à frente do rebanho.

Seja fiel. Aja com amor e trabalho. Deus haverá de recompensá-lo em todas as coisas.

QUESTIONÁRIO

1. Quem é o real superintendente da Escola Dominical?
2. Como deve ser o relacionamento entre o pastor e o superintendente da Escola Dominical?
3. Como parceiros na Obra de Deus, o que ambos devem fazer?
4. Como o superintendente deve tratar a Escola Dominical?

5. Cite as principais responsabilidades do superintendente da Escola Dominical em relação ao seu pastor.

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Tire um dia na semana para jejuar pelo seu pastor.
2. Ore cotidianamente pelo seu pastor; é a sua obrigação não apenas como responsável pela Escola Dominical, mas também como homem de Deus.
3. Responda com sinceridade a esta pergunta: Tenho eu tratado o meu pastor como a Bíblia o requer?

O que o Superintendente Poderá Fazer para Melhorar a Escola Dominical

INTRODUÇÃO

Como esquecer aquela Escola Dominical? Foi ali, na Assembléia de Deus, em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, durante os anos oitentas, que julgo ter desenvolvido todo o meu potencial como superintendente. Durante aqueles seis ou sete anos, o Senhor Jesus ajudou-me a sustentar um projeto que, paulatinamente, foi nascendo, enflorando e frutificando no meu coração. Percebi que a Escola Dominical, além de sua finalidade precípua, que é ensinar de forma relevante a Palavra de Deus, poderia prestar à igreja diversas contribuições.

De repente, vi a minha Escola Dominical envolver-se nas mais diversas áreas. E o que é mais importante: sem sacrificar o seu objetivo primacial. Quanto a isso, aliás, somos inflexíveis; o ensino tem de estar sempre em primeiro lugar, nada pode substituí-lo. Que nenhuma programação, por mais importante e urgente, subtraia dele tempo e disciplina. Em síntese, exploremos as potencialidades da Escola Dominical sem comprometer-lhe a função básica: ensinar a Palavra de Deus.

I. EXPLORANDO AS POTENCIALIDADES DA ESCOLA DOMINICAL

Não podemos desprezar as potencialidades da Escola Dominical. Este departamento, se bem trabalhado, pode transformar-se numa poderosa agência de ensino e evangelização. Caso, porém, seja relegado a segundo plano, perderá toda a importância e representatividade, transformando-se naquelas repartições que existem, pois assim o requerem nossas tradições.

Tivéssemos apenas os cultos noturnos, jamais haveríamos de aprofundar a fraternidade que deve caracterizar a família de Deus.

Através da Escola Dominical, entretanto, temos condições de levar a igreja a envolver-se cada vez mais no serviço cristão.

É justamente nas abençoadas manhãs de domingo, que envidaremos todos os esforços para a expansão do Reino de Deus. A Escola Dominical é um decisivo fator de crescimento e expansão da Igreja.

II. A ESCOLA DOMINICAL E O EVANGELISMO

Considero o período, que vem logo após a Escola Dominical, o melhor horário para se evangelizar. Encontraremos ainda muita gente pelas ruas, fazendo compras, buscando o seu jornal ou simplesmente distraíndo-se pelas praças. É a oportunidade ideal de se distribuir folhetos e convidá-las ao culto à noite.

Se deixarmos para evangelizar à tarde, deparar-nos-emos com ruas e praças desertas. Pois as pessoas estarão descansando para a segunda-feira que, em nossa cultura, é um dia irritadiço.

Por isso, terminada a Escola Dominical, saia com a sua equipe. Se o seu bairro for grande, divida-o em áreas estratégicas. Evangelize rua por rua, quadra por quadra; num domingo, uma rua; noutro, uma quadra. Você haverá de constatar que, em menos de um trimestre, o seu bairro já estará totalmente evangelizado.

Na etapa seguinte, sempre mobilizando os alunos e professores da Escola Dominical, poderá você reforçar o convite anteriormente feito, ou partir para a evangelização do bairro vizinho. Nas últimas três igrejas onde atuamos como superintendente da E.D., deixamos em muitas casas e quarteirões, uma Bíblia ou um Novo Testamento. Experimente fazê-lo; as bênçãos não tardarão a chegar.

III. A ESCOLA DOMINICAL E AS MISSÕES

Você sabia que a Escola Dominical pode ser uma grande agência missionária? Em primeiro lugar, conscientize os professores e alunos acerca de nossa grande e intransferível responsabilidade em relação à Grande Comissão.

No domingo consagrado às missões, mobilize toda a Escola Dominical. Tire uma boa oferta e entregue-a ao seu pastor a fim de que este a repasse à secretaria de missões de sua igreja. Tenho certeza de que este trabalho, se bem conduzido, não somente

ajudará no sustento dos que se acham no campo, como também despertará grandes vocações missionárias.

Sempre que a sua igreja receber a visita de um missionário, combine com o seu pastor a fim de que aquele possa, logo após a aula, relatar suas experiências no campo. Em seguida, tire-lhe uma oferta generosa e liberal; Deus ama aquele que, com liberalidade, contribui para a evangelização de outros povos.

IV. A ESCOLA DOMINICAL COMO AGENTE SOCIAL

No capítulo dez deste manual, vimos que o superintendente da Escola Dominical deve também atuar como filantropo ou assistente social. Nesse sentido, a E.D. muito ajudará a igreja a socorrer os mais necessitados.

Sugiro que você releia o capítulo em questão, e siga as instruções que lá deixamos.

Estava certa vez visitando a cidade de Tupã, no interior de São Paulo, quando alguém, apontando para o templo da Assembléia de Deus, fez o seguinte comentário: "Aí está uma igreja completa; na frente está a fé; atrás, as obras". Referia-se essa pessoa à nave do templo, onde é exposto o Evangelho de Cristo, e também mencionava ela o asilo de velhos que ficava nos fundos daquele santuário.

A Escola Dominical pode atuar, de maneira eficiente, em todas as campanhas da igreja: quilo, agasalho, material escolar, alimentos para socorrer às vítimas dos desastres naturais etc. Fale com o seu pastor a respeito e, juntos, poderão estabelecer uma linha de ação.

V. A ESCOLA DOMINICAL E AS BATALHAS BÍBLICAS

Você se lembra das batalhas bíblicas que eram muito comuns nas Assembléias de Deus? Se você tem menos de trinta anos, talvez não. Mas eu me lembro muito bem dessas maravilhosas atividades que nos despertavam o espírito a estudar e a pesquisar a Palavra de Deus.

Você poderá promover uma batalha bíblica todo final de trimestre, enfocando o assunto da lição estudada. Faça um questionário. Premie os que mais se destacarem. Tais atividades, na vida de um jovem, tem um efeito maravilhoso. Você constatará que

muitos desses participantes poderão ser despertados até para a erudição bíblica.

Lembro-me de uma jovem que, numa dessas batalhas bíblicas, chegou a decorar boa parte do livro de Atos. Foi algo extraordinário. Não posso esquecer-me daqueles irmãos e irmãs que se aprofundaram em temas e, nestes, tornaram-se, mestres.

VI. A ESCOLA DOMINICAL E AS DATAS ESPECIAIS

Você pode ainda fazer programações para comemorar o dia das mães, dos pais, das crianças, natal etc. Mas não se esqueça: o horário da aula não pode, sob hipótese alguma, ser comprometido.

Nas Escolas Dominicais que dirigi, sempre fazia a festa de natal. Dávamos presentes a todas as crianças, fazíamos bolsas às famílias carentes e organizávamos uma confraternização onde agradecíamos a Deus pelas vitórias conquistadas.

Muitas crianças que freqüentam as Escolas Dominicais jamais tiveram um natal. E se não fizermos alguma coisa por elas, ficarão desassistidas.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, partilhei com os meus colegas superintendentes uma experiência que, pelo menos comigo, deu excelentes resultados. Antes de colocar em prática essas sugestões, converse com o seu pastor. Veja se elas são pertinentes à sua igreja e à realidade de sua Escola Dominical.

Faça as adaptações necessárias, e peça a bênção de Deus. Mas não se esqueça; nada pode substituir a Escola Dominical. Se o fizermos, não poderemos contar com a bênção de Deus.

QUESTIONÁRIO

1. Por que a Escola Dominical é um departamento com múltiplas potencialidades?

2. De que forma a Escola Dominical pode ajudar a igreja na evangelização?

3. De que forma a Escola Dominical pode ajudar a igreja na obra missionária?

4. O que é uma batalha bíblica?

5. Em relação a essas atividades, como devemos agir quanto ao horário das aulas?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Ore a Deus, pedindo-lhe que abençoe todas as atividades de sua Escola Dominical.

2. Prepare o seu espírito para ajudar a sua igreja em todos os seus empreendimentos.

3. Esteja sempre vigilante para que nenhuma atividade extra prejudique a sua Escola Dominical.

A Terceira Onda de Renovação da Escola Dominical

INTRODUÇÃO

Escola Dominical começa a viver, a partir de agora, sua terceira onda de renovação. Aproveitemos este momento tão especial para promovê-la e levar o ensino da Palavra de Deus aos mais distantes lugares de nosso país e da América Latina. Nesta nova etapa da Escola Dominical, estaremos, com a ajuda de Deus, na vanguarda. Eis uma grande oportunidade para expandir o Reino de Deus através do ensino relevante das Sagradas Escrituras".

A afirmação partiu do diretor executivo da CPAD, Ronaldo Rodrigues de Souza, durante a

Conferência Nacional de Escola Dominical realizada em Recife de 12 a 15 de novembro de 1999, e patrocinada pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus, que já começa a ser vista, em todo o Brasil, como a editora da Escola Dominical.

Neste capítulo, veremos como a Escola Dominical chegou ao atual estágio de desenvolvimento, e como nós, superintendentes, poderemos manter os avanços que nos está proporcionando esta nova onda de renovação. Conscientizar-nos-emos, assim, de quão importante é o mandato que nos confiou o Senhor Jesus.

I. O QUE É A TERCEIRA ONDA DA ESCOLA DOMINICAL

No âmbito da História e da Sociologia, onda é uma combinação de fatores vários, que impulsiona um povo, ou uma entidade, a alterar, de maneira acelerada, a evolução normal de seu desenvolvimento. A Terceira Onda da Escola Dominical, por conseguinte, é o movimento que está impelindo e transformando seus métodos e perspectivas nesta etapa de sua história.

Antes que entremos a ver com mais detalhes essa nova onda, repassemos os dois períodos anteriores. A Primeira Onda do ensino cristão vai da fundação da Igreja, no Pentecostes, até o estabelecimento da Escola Dominical em 1783. A Segunda Onda vai

de 1783 aos nossos dias. E, agora, temos o privilégio de assistir aos fluxos e influxos da Terceira Onda da Escola Dominical.

Apesar de a Educação Cristã não haver sido conhecida como Escola Dominical antes de 1783, **ja** existia esta, como embrião, desde os primórdios do Israel do Antigo Testamento. Por isso, a E.D. tem de ser vista como uma continuidade histórica do grande projeto divino - a divulgação profética, magisterial e relevante de sua Palavra. Se isolarmos a Escola Dominical de seu contexto histórico, teremos a impressão de que se trata de uma invenção meramente humana; mas se a considerarmos em seu ambiente histórico, a a veremos como o grande projeto educacional de Deus, visando a completa redenção da humanidade.

II. PRIMEIRA ONDA - REVOLUÇÃO ÉTNICA

Embora universal, a Palavra de Deus não pôde ser amplamente divulgada no período veterotestamentário por causa do etnocentrismo judaico. Pensavam os filhos de Israel fossem os arcanos, alianças e concertos de Jeová, sua peculiar propriedade. Ignoravam eles, propositadamente, as grandes verdades da Lei, dos Profetas e dos Escritos, segundo as quais todas as nações haveriam de ser abençoadas em Abraão (Gn 12.3).

Deus chamara a Israel para ser uma nação sacerdotal, profética e real. Infelizmente, foram os israelitas incapazes de compreender a natureza de sua chamada. Tornaram-se exclusivistas; fizeram-se ciosos de sua herança espiritual e cultural; mostraram-se reticentes quanto ao seu chamamento.

Se algum gentio resolvia buscar o Deus de Abraão, era obrigado a vir a Jerusalém. A divulgação do conhecimento do Único e Verdadeiro Deus funcionava de forma centrípeta. Ou seja: eram os prosélitos constrangidos a dirigirem-se para o centro de adoração judaica. Haja vista o eunuco da rainha de Candace que fora a Jerusalém para adorar (At 8.27).

Com o advento de Nosso Senhor Jesus Cristo, porém, a divulgação da Palavra de Deus deixa de ser centrípeta para tornar-se centrífuga. Isto é: passou a irradiar-se de Jerusalém para alcançar os confins da terra. O caráter centrífugo da mensagem divina foi exposto pelo próprio Senhor à samaritana: "A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai" (Jo 4.21). Já em Atos 1.8, o Senhor Jesus deixa muito bem clara a vocação universal do

Evangelho: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8).

Quando da efusão do Espírito Santo, no Dia de Pentecostes, eis que a divulgação da Palavra de Deus globaliza-se de maneira sobrenatural (At 2.1-13). A partir de agora, o que era etnocêntrico, internacionaliza-se; o que era centrípeto, centrifuga-se. De Jerusalém, partem as testemunhas de Cristo para evangelizar a Judéia, Samaria e as mais desconhecidas fronteiras da terra.

A primeira onda só se tornou possível devido a miraculosa atuação do Espírito Santo, revertendo o processo de Babel, e impelindo a Igreja a romper todas as barreiras étnicas, culturais e lingüísticas.

III. SEGUNDA ONDA - REVOLUÇÃO METODOLÓGICA

Se a Primeira Onda levou a Palavra de Deus além das fronteiras de Israel, pouca alteração houve quanto ao método de ensino. As primeiras comunidades cristãs, imitando as sinagogas judaicas, expunham a Palavra de Deus quase que assistematicamente.

Com o transcorrer dos anos, todavia, foram os pastores e mestres aperfeiçoando o método de exposição do Evangelho. Os chamados pais da igreja viram-se na contingência de fundar as escolas de catecúmenos para melhor expor os princípios elementares da doutrina cristã. Orígenes, Clemente de Alexandria e Agostinho destacaram-se na propagação magisterial do Evangelho de Cristo.

Mais tarde, com a deflagração da Reforma Protestante, em 31 de outubro de 1517, a Educação Cristã ganha contornos até então desconhecidos: metodiza-se, faz-se mais pedagógica e didática. Nessa época, Lutero redige um catecismo para ensinar os rudimentos da fé às crianças. No entanto, faltava algo que só viria a aparecer 266 anos depois.

Com a evolução cada vez mais rápida dos métodos educacionais, percebeu-se que o ensino da Palavra de Deus carecia de um dia especial. E que melhor dia senão o domingo? E que melhores alunos poderia haver senão os meninos de rua? Conforme já vimos no início deste manual, o jornalista congregacional Robert Raikes deu início, em 1780, a um trabalho que viria a ser conhecido em todo o mundo como a Escola Dominical.

Através da Escola Dominical, a Educação Cristã começou a viver uma revolução, que viria modificar de forma radical os métodos de ensino e de aprendizagem da Palavra de Deus. Os fluxos e influxos desta onda já duram 216 anos. Nunca, em toda a história da Igreja Cristã, tantas pessoas foram alcançadas pela Palavra de Deus.

Apesar desses avanços mais do que significativos, começa-se a sentir a necessidade de uma outra renovação na Educação Cristã. Dessa vez, a renovação não será apenas metodológica, mas principalmente tecnológica.

IV. TERCEIRA ONDA - REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Se a primeira onda universalizou a Educação Cristã e a segunda tornou-a mais didática e magisterial, a terceira fará com que ela se torne não apenas eficiente, mas notavelmente eficaz. Observemos: tanto a primeira como a segunda ondas aproveitaram-se das circunstâncias históricas, políticas e culturais para projetarem o ensino relevante da Palavra de Deus. A primeira utilizou-se da *pax romana*, das bem guarnecidas estradas construídas pelo governo imperial; a segunda fez uso da imprensa; e a terceira haverá de aproveitar-se ao máximo dos atuais recursos tecnológicos e dos espantosos desempenhos da ciência.

De certa forma, a Terceira Onda foi predita por Daniel ao encerrar suas profecias: "E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo; muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará" (Dn 12.4). Diz aqui o profeta que o descerramento dos selos proféticos da Palavra de Deus coincidirá com um período de grande desenvolvimento científico tecnológico e científico. E Deus, em sua multiforme sabedoria e providência, aproveitará dos avanços humanos a fim de propagar o divino conhecimento.

A Escola Dominical, como o mais importante departamento da igreja, não pode ignorar esta terceira onda de renovação nem a perspectiva profética. Caso contrário: não haverá de cumprir cabalmente a sua missão: evangelizar enquanto ensina.

CONCLUSÃO

Os superintendentes de Escola Dominical vivemos o mais decisivo período deste departamento da Igreja Cristã, que evangeliza enquanto ensina. Eis porque tudo devemos fazer por cumprir cabalmente o mandato que nos confiou o Senhor Jesus através de sua Igreja.

Se estamos vivendo um período de renovação da Escola Dominical, envidemos todos os esforços a fim de que, através desta, possamos alcançar o maior número possível de pessoas com a Palavra de Deus.

QUESTIONÁRIO

1. Histórica e sociologicamente, o que é uma onda?
2. O que foi a primeira onda da Escola Dominical?
3. O que foi a segunda onda da Escola Dominical?
4. O que é a terceira onda da Escola Dominical?
5. O que caracteriza a terceira onda?

ATIVIDADES DEVOCIONAIS

1. Em oração, reavalie sua atuação como superintendente de Escola Dominical.
2. Leia o capítulo 12 da Epístola de Paulo aos Romanos.
3. Faça uma redação sobre o seguinte tema: Como estou aproveitando a atual revolução da Escola Dominical?